

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS**

**CYNTIA CAROLINE DOS SANTOS COSTA
LETÍCIA GABRIELE XAVIER SANTANA**

**TRAÇOS IDENTITÁRIOS DOS PROFESSORES SURDOS NO CURSO DE
LETRAS LIBRAS DA UFAC**

**RIO BRANCO
2025**

CYNTIA CAROLINE DOS SANTOS COSTA
LETÍCIA GABRIELE XAVIER SANTANA

**TRAÇOS IDENTITÁRIOS DOS PROFESSORES SURDOS NO CURSO DE
LETRAS LIBRAS DA UFAC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras Libras da
Universidade Federal do Acre, como requisito
parcial para a obtenção do título de licenciadas em
Letras Libras.

Orientadora: Profa. Dra. Vivian Gonçalves Louro
Vargas

RIO BRANCO

2025

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

- C837t Costa, Cyntia Caroline dos Santos, 1999 -
Traços identitários dos professores surdos no curso de Letras Libras da UFAC / Cyntia Caroline dos Santos Costa e Letícia Gabriele Xavier Santana; orientadora: Dr^a. Vivian Gonçalves Louro Vargas. - 2025.
57 f.: il; 30 cm.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Curso de Licenciatura em Letras: Libras, Rio Branco, 2025.
Inclui referências bibliográficas, apêndices e anexos.
1. Professor Surdo. 2. Ensino Superior. 3. Letras Libras. I. Vargas, Vivian Gonçalves Louro (orientadora). II. Santana, Letícia Gabriele Xavier. III. Título.

CDD: 419

CYNTIA CAROLINE DOS SANTOS COSTA
LETÍCIA GABRIELE XAVIER SANTANA

TRAÇOS IDENTITÁRIOS DOS PROFESSORES SURDOS NO CURSO DE
LETRAS LIBRAS DA UFAC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Libras para obtenção do título de licenciada em Letras Libras pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

Aprovado em 31 de março de 2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vivian Gonçalves Louro Vargas (Orientadora – UFAC)

Profa. Dra. Rosane Garcia Silva (Examinadora Interna – UFAC)

Prof. Dr. Shelton Lima de Souza (Examinador Interno – UFAC)

RIO BRANCO
2025

AGRADECIMENTOS

Ao encerrar esse ciclo tão significativo para nós, devemos agradecer a pessoas que tornaram esse caminho mais leve e forte. Mas, agradecemos primeiramente a Deus, pelas oportunidades de tempo e pelo caminho abençoado que Ele nos proporcionou. Somos gratas às nossas famílias que nos incentivaram em todo o processo, seja apoio moral, financeiro ou psicológico.

Gratidão à nossa Orientadora Vivian Louro Vargas, à Orientadora da Disciplina de TCC, Rosane Garcia Silva, por nos conduzirem da melhor forma, a fim de que tivéssemos êxito nessa reta final. Também, ao professor Shelton Lima Souza por sua presença e marcar nossa trajetória em um momento tão importante em nossas vidas.

Agradecemos também à Coordenadora de Letras Libras, Ivanete Cerqueira, por ver grandeza nos alunos, nos apoiando e compreendendo as particularidades de cada aluno da graduação. Agradecemos também, aos intérpretes da UFAC, especialmente ao Fábio Júnior pelo apoio significativo na conclusão da disciplina. Somos gratas a todo o corpo docente do Curso de Letras Libras da UFAC, especialmente àqueles que nos concederam as entrevistas, pois sem eles, não conseguiríamos ter essa pesquisa valorosa não só para nós pesquisadoras, mas para academia.

Por fim, como pesquisadoras e amigas, agradecemos uma a outra, pela compreensão, motivações, conversas, discussões necessárias para a pesquisa, persistência e dedicação, desde o pré projeto, até a apresentação.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar traços identitários dos professores surdos que atuam no curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre (UFAC), buscando compreender como suas identidades se refletem em suas práticas pedagógicas. A pesquisa, de abordagem qualitativa, fundamenta-se em referenciais teóricos como Hall (1990; 1997; 2020), Quadros (2004; 2014), Strobel (2009) e Vargas (2023), que abordam temas como identidade, cultura surda e educação bilíngue. Os dados foram gerados por meio de entrevistas semiestruturadas com três docentes surdos da UFAC, visando analisar a interação com os alunos, o uso da Libras em sala de aula e a mediação da comunicação com os alunos. A pesquisa destaca a importância da inclusão de professores surdos no ensino superior, contribuindo para a valorização da Libras e a promoção de uma educação mais inclusiva. Após o estudo, foi possível observar que a forma de interação com o mundo, principalmente por meio de recursos visuais, se reflete na prática dos docentes surdos, na organização e na preparação das aulas e que, de certa forma, devido às especificidades visuais da Libras os alunos ouvintes têm mais dificuldade de focarem na sinalização no professor surdo durante as aulas.

Palavras-chave: Identidades. Professor Surdo. Ensino Superior. Letras Libras.

ABSTRACT

This study investigates the identity traits of deaf professors working in the Letras Libras course at the Federal University of Acre (UFAC), seeking to understand how their identities are reflected in their teaching practices. The research, employing a qualitative approach, is based on theoretical frameworks by Hall (1990; 1997; 2020), Quadros (2004; 2014), Strobel (2009), and Vargas (2023), which address themes such as identity, deaf culture, and bilingual education. Data was generated through semi-structured interviews with three deaf professors from UFAC, aiming to analyze their interaction with students, the use of Libras in the classroom, and the mediation of communication with students. The research highlights the importance of including deaf professors in higher education, contributing to the appreciation of Libras and the promotion of a more inclusive education. After the research, it was possible to observe that the way of interacting with the world, mainly through visual resources, is reflected in the practice of deaf professors, in the organization and preparation of classes and that, in a certain way, due to the visual specificities of Libras, hearing students have more difficulty focusing on the deaf professors' signage during classes.

Keywords: Identity. Deaf teacher. Higher Education. Letras Libras.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
2	INFLUÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS IDENTITÁRIAS.....	10
2.1	LÍNGUAS, CULTURAS E IDENTIDADES.....	10
2.2	ABORDAGENS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: DO ORALISMO AO BILINGUISTO.....	16
2.3	AS IDENTIDADES SURDAS.....	20
3	PERCURSO METODOLÓGICO	24
3.1	DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	25
4	ANÁLISE DE DADOS.....	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	38
	ANEXO – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.	41
	APÊNDICE - ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES SURDOS....	45

1 INTRODUÇÃO

A presença de docentes surdos nas universidades é recente, ocorrendo significativamente a partir do reconhecimento da Libras (Lei nº 10.436/2002), de sua regulamentação (Decreto nº 5.626/2005) e da criação dos cursos de Letras Libras (2006), a princípio na modalidade à distância pela Universidade Federal de Santa Catarina (Quadros, 2014). Na Universidade Federal do Acre - Ufac, essa graduação teve início em 2014 e o primeiro professor surdo foi contratado, como substituto, em 2016. Atualmente, a instituição conta com quatro docentes surdos, sendo três desses efetivos e um substituto, que atuam no curso de Letras Libras ministrando diversas disciplinas e nas demais graduações com a disciplina de Libras.

Esta monografia traz para discussão os traços identitários dos professores surdos que atuam em cursos superiores, delimitando-se na análise de entrevistas com os três professores surdos efetivos que atuam no curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre – Ufac. Nesse sentido, o problema que se busca discutir é: Como as identidades dos professores surdos que atuam no curso de Licenciatura em Letras Libras da Ufac refletem em suas práticas em sala de aula? Portanto, como objetivo geral, visamos investigar as construções identitárias dos professores surdos que atuam no curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre – Ufac. Como objetivos específicos temos: averiguar as experiências profissionais dos professores surdos na área da Libras; analisar como os traços identitários dos sujeitos surdos impactam na relação docente/discente; descrever como ocorre o uso da Libras em sala de aula.

A partir de observações em sala de aula durante a graduação no curso de Letras Libras, especificamente nas disciplinas ministradas por esses professores, fomos instigadas a refletir sobre as constituições identitárias dos docentes surdos na universidade, um ambiente no qual a língua portuguesa, assim como na maioria dos espaços sociais brasileiros, é a língua majoritária, observando como essas identidades influenciam em suas práticas diárias.

No curso de Letras Libras a maioria das turmas é composta por alunos ouvintes, o que despertou o nosso interesse em realizar uma pesquisa para verificar questões relacionadas à interação dos referidos professores com as turmas, suas práticas e o uso da Libras em sala. Dessa forma, por ser um tema relativamente recente, há um vasto campo de pesquisas a serem desenvolvidas.

Além disso, a presença desses professores no ambiente universitário contribui para que as instituições de ensino e seus acadêmicos estejam em contato com identidades que divergem das de seus professores ouvintes, sendo importante a sua verificação e registro, contribuindo para que a diversidade tenha espaço no ambiente acadêmico e para que os surdos e as línguas de sinais integrem, de forma cada vez mais efetiva, as práticas dessas instituições.

Pretende-se com a pesquisa contribuir com os estudos da área, especificamente no que se refere à atuação dos professores surdos nas instituições de ensino superior. Durante muito tempo, essas pessoas não tinham acesso a diversos setores sociais e, hoje, além de estarem no ambiente universitário como discentes, estão também como professores, o que representa conquistas importantes dos movimentos sociais dos surdos. Registrar e divulgar o trabalho desses profissionais é uma forma de valorizar anos de reivindicações dos surdos por direitos e acessibilidade, mostrando que a presença dessas pessoas na universidade traz, muitas vezes, incomodo àqueles que estão acostumados a trabalhar, por anos, da mesma forma, mas também demonstra como é enriquecedora a diversidade, contribuindo para que possamos refletir sobre nossas práticas.

Durante a nossa trajetória no Curso de Licenciatura em Letras Libras na Ufac, iniciada em 2019, tivemos a oportunidade de observar e vivenciar a docência surda em diversas disciplinas. A partir do 2º período, na disciplina de “Fonética e Fonologia”, notamos que a interação nas aulas era predominantemente imagética, com professores surdos utilizando mais recursos visuais do que materiais em português, contrastando com o uso mais teórico dos professores ouvintes. Esta abordagem traz características identitárias dos professores surdos que interagem com o mundo por meio de recursos visuais, tendo o intuito de explorar o campo visual-espacial dos discentes, facilitando a compreensão e a interação.

A adaptação de metodologias, em 2022, após o ensino remoto, pós pandemia da COVID-19, trouxe a incorporação de novas plataformas digitais, refletindo em muitas adaptações no ambiente educacional. Observamos essas mudanças durante as disciplinas “Estágio Supervisionado III”, “Aquisição de Linguagem” e “Libras V”, em 2023 e 2024, evidenciando as diferenças de estratégias de ensino entre professores surdos e ouvintes e a adaptação às novas metodologias.

Partindo de uma visão estereotipada, ao chegar em uma sala de aula, espera-se que o professor sempre seja ouvinte. Dessa forma, a chegada dos docentes

surdos, como observamos, despertou a curiosidade de outros docentes no sentido de observarem as metodologias por eles utilizadas em sala de aula. Assim, investigar como as identidades dos professores surdos que atuam no Letras Libras da Ufac refletem em sua prática é relevante para a compreensão da atuação desses profissionais em sala de aula, especialmente para a comunidade acadêmica.

Assim, a presente pesquisa foi organizada em 4 capítulos. O trabalho inicia-se com a introdução, na qual é feita a apresentação geral do tema, a motivação por sua escolha e trazidos alguns autores utilizados durante a construção do texto, que embasaram as reflexões sobre o assunto alvo do estudo. No capítulo 2, o referencial teórico é apresentado, abrangendo as questões identitárias com autores que fundamentam a nossa pesquisa, como Hall (1990) que traz as concepções de identidade; Strobel (2009), que apresenta pontos da educação de surdos; Perlin (1998) e Vargas (2023) que abordam questões sobre as culturas e identidades dos surdos. No terceiro capítulo é apresentado o percurso metodológico, em que traçamos o caminho percorrido para o desenvolvimento do estudo, a partir do qual foram gerados os dados mediante as falas dos três entrevistados. No capítulo final, é trazida a análise dos dados, sendo discutidas nuances das questões identitárias dos professores surdos do curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre.

2 INFLUÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS IDENTITÁRIAS

O referencial teórico traz concepções de pesquisadores sobre o conceito de identidades e o que está interligada a ela, às línguas e às culturas. Além disso, são apresentadas questões relacionadas às abordagens educacionais que vêm sendo utilizadas na educação das pessoas surdas; reflete-se sobre o professor surdo e os profissionais tradutores-intérpretes. É feita também a apresentação do curso de licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre (UFAC).

2.1 LÍNGUAS, CULTURAS E IDENTIDADES

Serão apresentados alguns pontos sobre línguas, culturas, identidades relacionadas às pessoas surdas, destacando que são fatores que estão interligados e, como pilares, sustentam a maneira como a sociedade se forma e se modifica ao longo do tempo (Coelho; Mesquita, 2013). Pontos relacionados às línguas de sinais serão percorridos, desmistificando alguns estereótipos.

Historicamente, a proibição do uso das línguas de sinais – Congresso de Milão – 1880, teve impacto profundo na comunidade surda, limitando a expressão de seus pensamentos e sentimentos, os silenciando (Strobel, 2009). Apesar do impedimento, os surdos, ainda assim, usavam as línguas de sinais escondidos, pois as línguas resistem mesmo com proibições. Com os avanços dos estudos linguísticos e dos movimentos surdos em diversos países, as línguas de sinais começaram a ser reconhecidas e valorizadas. No Brasil, o reconhecimento da Libras ocorreu com a sanção da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que reconheceram a Libras como a língua da comunidade surda brasileira. Este marco legal foi crucial para a valorização da Libras em universidades brasileiras, representando conquistas significativas para a comunidade surda.

Após o reconhecimento da Libras, foi necessário pensar na formação dos profissionais que ensinariam esta língua e trabalhariam com a sua tradução interpretação. Dessa forma, foram criados os cursos de Letras Libras, licenciatura (para formar os docentes de Libras) e bacharelado (para formar os tradutores intérpretes de Libras-língua portuguesa e vice-versa). Na Ufac a Licenciatura em Letras Libras teve início em 2014. Em 2016, a instituição contratou o primeiro professor surdo para atuar no curso, porém não era efetivo. Em 2017, o primeiro

professor surdo efetivo tomou posse na instituição, o que representou um marco para a comunidade surda do Acre. Esses professores trouxeram suas identidades e a forma visual de se relacionarem com o mundo para o ambiente acadêmico, tendo assim, especificidades em sua atuação em sala de aula, principalmente no que se refere ao uso das línguas visuais, no caso em questão, da Libras.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a língua de sinais ainda é cercada por diversas concepções equivocadas, como por exemplo, a de ser uma língua universal, artificial ou não ter uma própria gramática. Porém, assim como as línguas orais de cada país, cada língua de sinais possui suas regras gramaticais e, diferentes das línguas artificiais, são línguas naturais, ou seja, não é por meio de gestos ou mímicas que acontece de fato a comunicação. Além disso, também não são línguas universais, pois o conjunto de regras gramaticais constitui os sinais, sendo que cada país tem a(s) sua(s) língua(s) de sinais. No Brasil, uma dessas línguas é a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e na França, a Língua Francesa de Sinais (LSF), por exemplo (Gesser, 2009, p. 11).

No Brasil, a língua portuguesa é utilizada por grande parte da população e, como a Libras permeia também diversos espaços, estando seus usuários em contato, é natural que aconteça empréstimos entre as línguas. Um exemplo que pode ser citado é o uso do alfabeto manual, um código de representação alfabética da Língua Portuguesa. Esse alfabeto é usado como auxílio para soletrar, ou seja, fazer a datilologia de palavras que identificam lugares, pessoas, siglas para as quais ainda não há sinais. Entretanto, vale destacar, que isso não faz da Libras uma língua dependente da língua portuguesa, sendo ela autônoma, com suas regras e estruturas (Gesser, 2009).

Historicamente, de acordo com Strobel (2009), durante a Idade Antiga até a Idade Média, os surdos eram excluídos da sociedade, eram assassinados e ainda não tinham direitos, sendo vistos como pessoas sem pensamento ou inteligência. Strobel (2009) cita, em relação à Idade Antiga (355 a.C.) que:

O filósofo Aristóteles (384-322 a.C) acreditava que como não falavam, consequentemente não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que: "... de todas as sensações, é a audição que contribui mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdo-mudo se torna insensatos e naturalmente incapazes de razão", ele achava absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar (Strobel, 2009, p. 18-19).

Strobel (2009) ainda afirma que durante a Idade Média (476-1453):

Não davam tratamento digno aos surdos, colocavam-nos em imensa fogueira. Os surdos eram sujeitos estranhos e objetos de curiosidade da sociedade [...] também existiam leis que proibiram os surdos de receberem heranças, de votar e enfim, de todos os direitos como cidadãos (Strobel, 2009, p. 19).

Diante do contexto histórico mundial, de acordo com INES (2021), com o passar dos anos, o movimento da educação de surdos ganhou relevância, e as línguas de sinais começaram a ser valorizadas. Nessa perspectiva, Ernest Huet, professor francês, foi uma figura importante para a comunidade surda do Brasil, pois participou da fundação da primeira escola de educação de surdos no século XIX no país, denominada “Collégio Nacional de Surdos-mudos”, que atualmente é chamado de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), localizado no Rio de Janeiro. Por muitos anos, a língua de sinais não pôde ser utilizada no instituto, em decorrência das decisões tomadas no Congresso de Milão (Strobel, 2009, p. 19).

Após ser sancionada a Lei nº 10.436/2002, houve o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), um marco significativo para comunidade surda, pois seus usuários muitas vezes eram vistos como estranhos e, após a lei, a sinalização passou a poder ser utilizada livremente.

Nota-se que as questões relacionadas às línguas estão interligadas às questões culturais. Partindo disso, a antropologia compreende a cultura como um sistema complexo que orienta o comportamento dos indivíduos em sociedade. Laraia (2006) apresenta a cultura como um conjunto de regras, normas e valores transmitidos de geração em geração por meio da aprendizagem. A cultura influencia a forma como pensamos, sentimos e agimos, moldando nossas identidades individuais e coletivas. Nesse sentido, a cultura não é fixa, mas está em constante transformação, influenciada pelas interações sociais e pelas experiências dos indivíduos. No contexto da comunidade surda, a cultura se expressa de maneira singular, com a experiência visual desempenhando um papel central nos traços de identidade.

Segundo Perlin (1998), para os surdos existe uma diferença na maneira como se relacionam na/com sociedade, pois para esse grupo minorizado, o mundo é explorado através de experiências visuais, que são fundamentais para moldar a cultura surda. Assim, podem compartilhar, se expressar por meio das línguas de sinais, trazendo seus valores, crenças e manifestações artísticas. Como exemplo

temos, no meio literário, a literatura surda que vem contribuir para a cultura, com produções e/ou adaptações feitas, principalmente, por surdos (Vargas, 2023, p. 18). Portanto, a cultura surda tem como uma de suas principais características o uso das línguas de sinais.

Ao longo dos anos, os surdos vêm construindo e reconstruindo a forma como se veem, reconstruindo as suas identidades. Para Stuart Hall (1990; 1997; 2020) os traços são marcados por questões históricas, culturais e sociais, sendo que, através da interação desses três aspectos, pode-se dizer que a identidade é fluída, ou seja, não é fixa e sim mutável, pois está em constante transformação. Esse processo de construção e reconstrução identitária relaciona-se mais ao fato de o indivíduo “tornar-se” do que de fato ele “ser”, ou então, como Hall nomeia, uma “narrativa em construção” (Hall, 1990, p. 226).

Ainda ambientado no discurso de identidade, vale ressaltar que Perlin (1998) analisou as identidades surdas, afirmando:

Identidades surdas estão presentes no grupo onde entram os surdos que fazem uso da experiência visual propriamente dita. Noto nesses surdos formas muito diversificadas de usar a comunicação visual. No entanto, o uso de comunicação visual caracteriza o grupo levando para o centro do específico surdo. [...] As culturas dos sinais, bem como ‘conhecimento’ social da surdez, são necessariamente ressuscitadas e refeitas dentro de cada geração (Perlin, 1998, p. 62).

Portanto, essa análise é valiosa para entendermos que as línguas de sinais também são fluidas, algo inacabado, ou seja, em constante transformação. Essas constantes transformações servem para repensarmos sobre os traços identitários, visto que também a “identidade” é entendida como sendo fluida.

Sendo assim, o professor surdo é um indivíduo importante para construção de uma educação inclusiva, proporcionando não apenas conhecimento de sua área, mas também a valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como forma de comunicação. Mas com relação a identidade do professor surdo, Silva (2009) discorre:

Nesse sentido, é possível entender que a constituição da identidade do surdo não está intrinsecamente ligada apenas à língua de sinais, mas sim, a uma língua que lhe der a possibilidade de constituir-se no mundo como falante, construindo a própria subjetividade. Ou seja, essa constituição está sujeita também às relações sociais. A identidade não pode ser dada apenas como algo inerente a todas as pessoas com base em uma língua singular, mas deverá ser vista como base em práticas discursivas e sociais em circunstâncias sócio-históricas individuais (Silva, 2009, p. 30).

Dessa forma, pode-se afirmar que a identidade do professor surdo não se forma a partir de um único elemento, mas é constituída por vários fatores, estando em constante mudança e sendo modificada por suas vivências, não podendo ser limitada.

Assim, o professor surdo em sala de aula é importante no que se relaciona à prática de ensino por meio da língua de sinais, pois quando tratamos dos professores ouvintes em comparação com os professores surdos em suas respectivas disciplinas, suas práticas de ensino se diferenciam, pois, para os professores ouvintes, em turmas onde não há alunos surdos, o uso da língua portuguesa predomina no contexto de interação, mas com professores surdos, suas aulas são inteiramente sinalizadas, pois a Libras é sua língua natural. Vargas (2023) esclarece:

Tem-se a dificuldade de se criar um ambiente de imersão em língua de sinais, pois em salas, cujos conteúdos estão sendo ministrados por professores ouvintes não sinalizantes e cujos discentes são todos ouvintes, o uso da língua portuguesa prevalece. Nas turmas em que estudantes surdos estão presentes, a Libras é utilizada de forma mais acentuada, influenciando de maneira perceptível a formação dos acadêmicos (Vargas, 2023, p. 84).

Dito isto, é perceptível a importância do docente surdo em sala de aula para interagir com os estudantes ouvintes por meio da língua de sinais que é a língua natural dos surdos, trazendo a valorização do ensino e aprendizagem, pois sem essa interação sinalizada, os alunos podem ter o contato escasso com a língua de sinais, o que pode interferir na valorização e uso da Libras e, conseqüentemente, em sua formação.

A atuação das pessoas surdas como professores teve significativo aumento, especialmente no ambiente universitário, após o reconhecimento da Libras pela Lei 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005. A partir de então, foi necessária a criação dos cursos de Letras Libras, para a formação superior de profissionais para atuarem na área, no caso da Ufac, o referido curso foi criado em 2014. Em seção posterior serão trazidas mais informações sobre o curso de Licenciatura em Letras Libras da Ufac.

Trazendo as discussões para a reflexão sobre as identidades da docência surda, pode-se dizer que a identidade é constituída pela sua língua, cultura e pelas experiências vividas. Para um professor surdo, que trabalha no ambiente educacional, a interculturalidade precisa se fazer presente, pois a identidade do professor surdo

também está ligada à sua atuação no ambiente educacional. Assim como Hall (2003, p. 83) nos situa com o fato de que “todos nos localizamos em vocabulários culturais e sem eles não conseguimos produzir enunciações enquanto sujeitos culturais”. Por isso, é fundamental a presença da docência surda nas universidades e escolas, pois ela serve de modelo para alunos surdos, ajudando-os a se reconhecerem e se fortalecerem culturalmente. Esse processo não só valoriza a cultura surda, mas também promove o respeito pela Libras e pela identidade surda dentro do ambiente educacional. Nesse contexto, vem um termo a ser incluso que precisa ser dialogado, a “interculturalidade”, que tem um papel fundamental quando se trata do encontro de culturas diferentes. Diante o exposto, a interculturalidade se conceitua com base na interação entre diferentes culturas, mas para autora Walsh (2005, p. 10-11) não se resume somente a uma simples mistura de culturas, mas uma troca de saberes, havendo uma troca mútua com respeito e igualdade. Além, de deixar expostas as relações de conflitos de poder entre a sociedade, o que a movimenta política e socialmente, estimulando a conscientização das diferentes culturas. Nesse contexto, a interculturalidade vem ter um papel fundamental para inserir essa interação da cultura do professor surdo no contexto escolar ou acadêmico. Como a interculturalidade envolve a troca entre diferentes culturas de maneira respeitosa, para os surdos, pode significar que suas culturas e identidades sejam reconhecidas e valorizadas, como parte de uma comunidade linguística e cultural.

A interculturalidade poderá se aplicar ao encontro e à troca entre a cultura surda e a cultura ouvinte, o que permite que ambas se conheçam melhor e convivam de forma harmoniosa. Entretanto, nessas discussões, pode-se notar que a interculturalidade é um caminho esperançoso entre surdos e ouvintes, pois, o ouvinte, por muitos anos, tem sido visto como superior ao surdo, pelo fato de que majoritariamente, linguisticamente ao nosso redor, ser usada a língua oral (Vargas, 2023). Fleury (2000) afirma que, na educação, a interculturalidade acontece quando as diferenças culturais são reconhecidas e respeitadas. Para os surdos, entender essas diferenças é fundamental para fortalecer sua identidade e interagir de maneira mais consciente com outras culturas.

Assim, a presença de professores surdos nas escolas e universidades não apenas contribui para a aprendizagem dos alunos surdos, mas também fortalece a cultura surda na sociedade. Quando se trata de interação, o termo interculturalidade se faz presente para fortalecer as diferentes culturas. A interculturalidade, segundo

Catherine Walsh (2009), vai além de apenas aceitar a diversidade: busca criar relações mais próximas e equilibradas entre os diferentes grupos culturais, valorizando os saberes de populações que muitas vezes foram deixadas de lado na sociedade, como povos indígenas, negros e comunidades tradicionais, dando espaço para que suas manifestações também sejam abrangidas. No ensino, faz com que tanto os surdos quanto os ouvintes aprendam a valorizar as diferenças culturais e linguísticas, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso. Por isso, é essencial que as escolas e universidades estejam preparadas para reconhecer e respeitar essas diferenças, garantindo que a identidade e a cultura surda sejam respeitadas e valorizadas. Assim, os professores surdos do curso de Letras Libras, desde o momento em que iniciaram sua trajetória como docentes, e mesmo antes de atuarem na universidade, vêm tendo suas identidades construídas e reconstruídas, em um constante fazer, se fazer professor.

Ainda no contexto acadêmico, a presença de professores surdos nas universidades também evidencia o chamado multiculturalismo, uma vez que a convivência entre diferentes línguas e culturas dentro do espaço educacional enriquece o processo de ensino e aprendizagem. O multiculturalismo é uma forma de reconhecer que a sociedade é formada por muitos grupos culturais diferentes. Ele defende que cada grupo tem o direito de manter suas tradições, sua língua e seus costumes. Segundo Hall (2003), as identidades são construídas na interação com o outro, e a troca cultural entre professores surdos e turmas mistas, com alunos ouvintes e surdos, refletiria uma diversidade presente no ensino superior. O multiculturalismo reconhece e toma consciência de diferentes grupos sociais e linguísticos, assim, levando a cultura surda e a Libras ser valorizadas e integradas no ambiente acadêmico. Nesse sentido, não apenas reconhece a diversidade cultural, mas também fomenta práticas pedagógicas que garantam a equidade e a acessibilidade no ensino. Por fim, essa abordagem também fortalece a representatividade surda e promove um ensino mais inclusivo e respeitoso às diferenças, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e para o avanço das políticas educacionais voltadas à diversidade.

2.2 ABORDAGENS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: DO ORALISMO O BILINGUISMO

A educação de pessoas surdas tem passado por mudanças ao longo do tempo, principalmente no que se refere às abordagens pedagógicas utilizadas. Uma das abordagens que, por muito tempo, foi utilizada é a oralista, que historicamente priorizou a fala e a leitura labial, uma visão clínica que buscava aproximar o surdo do que julgavam ser o normal, o ouvir e oralizar. Durante muitos anos, o oralismo foi predominante nas instituições de ensino para surdos, defendendo que o aluno surdo deveria aprender a falar e a compreender a fala, minimizando ou até eliminando o uso da língua de sinais. Nesse contexto, Strobel (2009) discute o impacto negativo da proibição das línguas de sinais, resultado do Congresso de Milão em 1880, que limitou a expressão da comunidade surda e a silenciou.

Outra abordagem utilizada foi a da Comunicação Total, que surge como uma forma que combina diferentes métodos de comunicação, como a língua de sinais, a leitura labial, a fala oral e recursos escritos. De acordo com Skliar (2004),

A comunicação total é uma abordagem que visa integrar várias formas de comunicação, como a Língua de Sinais, a leitura labial, a fala oral e recursos escritos, permitindo que os surdos possam utilizar a estratégia mais eficaz para sua interação. Essa abordagem flexível busca garantir que as necessidades comunicativas dos alunos surdos sejam atendidas de maneira completa, respeitando as especificidades de cada indivíduo e promovendo uma maior inclusão no processo educacional (Skliar, 2004, p. 58).

Essa abordagem busca atender às diversas necessidades comunicativas dos alunos surdos, integrando múltiplos recursos de maneira flexível e inclusiva. Skliar (2004), ao apresentar as abordagens educacionais para surdos, discute a importância de considerar essas diferentes formas de comunicação, especialmente a comunicação total, que se revela eficaz ao garantir que as necessidades comunicativas dos surdos sejam atendidas de forma respeitosa e inclusiva.

Por outro lado, o bilinguismo surge como uma alternativa ao oralismo e à comunicação total. O bilinguismo na educação de surdos, conforme a Lei nº 14.191/2021, é baseado no reconhecimento das línguas de sinais como a primeira língua do surdo e o português escrito como segunda língua. Esse modelo reflete a visão de que as línguas de sinais possuem uma estrutura linguística complexa e distinta, com regras gramaticais próprias, sendo uma língua natural e não uma simples adaptação do português ou de outras línguas orais.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais, como a Libras (Língua Brasileira de Sinais) no Brasil, são ricas em expressões e têm uma gramática

própria, não sendo línguas universais ou artificiais. Elas são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social dos surdos, promovendo a comunicação e o acesso ao conhecimento de forma plena e natural. O bilinguismo, portanto, busca garantir que o surdo tenha acesso tanto à sua língua natural, a Libras, quanto à língua escrita do país, o português, respeitando suas especificidades culturais e linguísticas.

A Lei nº 14.191/2021, sancionada em 3 de agosto de 2021, representou um avanço significativo para a educação de surdos no Brasil, modificando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Com essa mudança, garantiu-se que a educação de surdos deve ocorrer por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua, enquanto o português escrito assume o papel de segunda língua. Essa abordagem bilíngue pode ser implementada tanto em escolas específicas para surdos quanto em classes bilíngues dentro de escolas regulares, abrangendo desde a educação infantil até o ensino superior. Ao permitir que os estudantes surdos aprendam em sua língua natural, a legislação reduz barreiras linguísticas e possibilita um desenvolvimento acadêmico mais eficaz, além de garantir uma educação mais inclusiva e acessível.

A presença de professores surdos nas escolas também é uma questão central dentro dessa abordagem bilíngue, como observamos na Universidade Federal do Acre (UFAC), onde a presença de docentes surdos tem sido essencial para fortalecer a Libras no ambiente acadêmico. Esses profissionais não apenas atuam como educadores, mas também como referências para os alunos surdos e ouvintes, mostrando que a surdez não é um obstáculo para a docência e para a produção de conhecimento. Eles desempenham um papel importante ao demonstrar que, por meio da Libras, é possível acessar o conhecimento técnico e científico sem prejuízos.

No contexto da educação bilíngue, os tradutores-intérpretes de Libras desempenham um papel fundamental. Esses profissionais atuam como mediadores entre surdos e ouvintes, entre professores surdos e alunos ouvintes que não dominam a Libras, facilitando a comunicação e garantindo que todos os envolvidos no processo educacional compreendam o conteúdo das aulas. A presença desses tradutores-intérpretes não só possibilita a inclusão, mas também promove a valorização da Libras como uma língua legítima e culturalmente rica, conforme argumenta Lacerda (2009). Dessa maneira, a atuação desses profissionais é essencial para uma educação mais acessível e eficaz.

O intérprete de Língua Brasileira de Sinais é o profissional responsável por

mediar a comunicação entre surdos e ouvintes. Esse trabalho envolve a tradução de Libras para a Língua Portuguesa e vice-versa, permitindo que as pessoas surdas interajam com aqueles que não conhecem a língua de sinais. Nesse contexto, Quadros (2004) destaca que o intérprete desempenha um papel fundamental na inclusão social da pessoa surda, facilitando a comunicação em diferentes situações, como em escolas, hospitais e outros serviços importantes. Além disso, a Lei nº 14.704/2023 reforça a importância da profissão, estabelecendo que o exercício dessa função seja privativo de quem possui formação adequada, seja por meio de cursos específicos ou certificações, e define especificamente as competências do intérprete. Portanto, essa legislação assegura a acessibilidade e a comunicação entre todos os indivíduos, promovendo a inclusão social de maneira efetiva.

Além disso, esse debate se torna ainda mais relevante quando analisamos a presença de professores surdos no ensino superior, como ocorre na Universidade Federal do Acre (UFAC). Esses profissionais não apenas fortalecem a Libras no ambiente acadêmico, mas também servem como referência para os alunos, demonstrando que ser surdo não é um impeditivo para a docência e para a produção de conhecimento. Sua atuação evidencia a importância de um espaço educacional acessível, que valorize a comunicação visual e respeite as especificidades linguísticas da comunidade surda. Dessa forma, garantir uma educação verdadeiramente bilíngue desde os primeiros anos escolares até a universidade significa não apenas promover a inclusão, mas também assegurar a representatividade dos surdos no meio acadêmico, permitindo que o conhecimento técnico e científico seja compartilhado de maneira plena tanto dentro da comunidade surda quanto na sociedade em geral. No cenário da educação bilíngue de surdos, esses profissionais são importantes para que esse processo seja possível. Eles desempenham um papel essencial, atuando como mediadores entre surdos e ouvintes, entre professores surdos e alunos ouvintes que não dominam a Libras, traduzindo e interpretando o conteúdo das aulas para que haja a compreensão de todos os envolvidos. Além disso, promovem a valorização da Libras, incentivando a criação de um ambiente inclusivo que beneficie tanto surdos quanto ouvintes, como aponta Lacerda (2009).

Trazendo para o curso de Letras Libras, a educação bilíngue também se faz presente no PPC do curso, curso este que, foi criado em 2014, sendo seu Projeto Pedagógico Curricular (PPC) organizado em 2013. Nele constam questões relacionadas à estrutura do curso, legislação, e características gerais do Letras Libras.

O Projeto Pedagógico Curricular (PPC) do curso de Licenciatura em Letras Libras foi elaborado com o intuito de atender as exigências do Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a formação de professores para o ensino de Libras e de Língua Portuguesa como segunda língua, além de contemplar a Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio de comunicação da comunidade surda (UFAC, 2013). Nesse sentido, o curso foi criado com o objetivo de formar professores para atuar no ensino de Libras e Português como segunda língua. Sendo um dos seus princípios, o PPC destaca que o curso busca promover uma educação bilíngue, valorizando a Libras como a primeira língua da comunidade surda e o Português como a segunda língua. Dessa forma, a proposta curricular inclui disciplinas que desenvolvem tanto as competências linguísticas quanto pedagógicas, preparando o egresso para promover a inclusão dos surdos na educação. Em relação à organização do curso, a estrutura foi planejada para oferecer uma base no início, com disciplinas introdutórias, e aprofundamento nas áreas específicas de Libras e Português ao longo dos semestres.

Por fim, o PPC orienta que o curso de Licenciatura em Letras da Ufac visa responder às necessidades educacionais e sociais da comunidade surda no Acre, formando, assim, profissionais para atuar em um contexto bilíngue e inclusivo (UFAC, 2014).

2.3 AS IDENTIDADES SURDAS

Apresentando uma perspectiva pelas quais os surdos podem transitar, em relação as identidades surdas¹, Perlin (1998) considera em suas pesquisas que existem 7, em que o sujeito surdo poderá se identificar ou não. São elas:

1) Identidades surdas: São surdos que se identificam com a identidade surda, sinalizantes, interagem com o mundo de forma visual e também valorizam a cultura surda e têm a Libras como primeira língua. Sendo politicamente ativos a favor de suas lutas, juntamente com a comunidade surda.

2) Identidades híbridas: são surdos que perderam a audição ao longo da vida por algum motivo específico, podendo intercalar o uso comunicativo entre a língua de

¹ A obra de Perlin (2003) mostra que a identidade surda não deve ser vista como algo fixo ou dividido em categorias rígidas, como esses sete tipos. Ao contrário, ela é constituída com forma contínua, a partir das experiências do uso da Libras e da convivência com outros surdos. A autora defende uma visão mais aberta e inclusiva, que valorize a cultura surda e combata a ideia de que surdez é apenas uma deficiência.

sinais ou a língua oral para interagir com ouvintes e também, com a comunidade surda.

3) Identidades de transição: surdos que, a princípio, têm contato apenas com ouvintes e passam a ter o contato com surdos, passando por um processo de adaptação entre a cultura surda e a cultura ouvinte.

4) Identidades flutuantes: são surdos que, sejam eles com surdez profunda ou não, não se identificam a cultura surda, rejeitando a língua de sinais, optando por se comunicarem apenas pela língua oral.

5) Identidades embaraçadas: são surdos que não se identificam nem com a língua de sinais e nem com a língua oral, fazendo com o que tenham frequentemente dificuldades de comunicação.

6) Identidades surdas de Diáspora: São surdos que passaram por uma transição linguística da língua de sinais, seja essa transição sendo de estado ou de país, seu uso da língua de sinais muda conforme a sua transição de local.

7) Identidades surdas intermediárias: São pessoas com deficiência auditiva com grau leve a moderado de surdez e se comunicam oralmente, utilizando tecnologias para ouvir, com diferentes aparelhos auditivos.

Trazendo essas perspectivas de identidades dos surdos, vale ressaltar que os surdos não se resumem somente a uma ou outra identidade citada, pois vai contra o conceito de identidade pós moderna, em que é conceituada com fluida, não fixa, em constante (re)construção. Entretanto, suas características, através de suas experiências de vida interferem nas diferentes formas como se veem diante a sociedade e, por isso, não podem ser invalidadas, pois fazem parte de sua própria cultura. Além disso, é importante refletir que há uma visão clínica que permeia as discussões identitárias e que por sua vez, os surdos podem ser rotulados, visto que, a visão clínica traz diferentes graus de surdez que podem diagnosticar os surdos com tais graus: leve, moderada, severa ou profunda. Porém, o que caracteriza essas pessoas, relaciona-se às questões linguísticas, assim como Thomas (2004) argumenta:

A comunidade surda faz distinção particularmente quanto à língua – entre os surdos e os que ouvem. Não uma distinção audiométrica, como aquelas que encontramos com frequência na literatura voltada a ensinar sobre quem são os surdos, uma literatura que os narra a partir de graus de perda de audição e os coloca sempre em referência a uma norma ideal, em comparação aos que ouvem. Mas uma distinção que fala nos surdos como sujeitos com uma

cultura visual e como membros de uma comunidade plural, mas que têm em comum as marcas da exclusão pela condição de “não ouvir” (Thomas, 2004, p. 58).

Essa concepção se torna um ponto chave para a percepção das identidades surdas, não os vendo como pessoas com deficiência, mas focando em suas experiências, modo de vida, movimentos culturais, políticos e entre outros fatores que estão ligados as suas identidades. Nessa mesma perspectiva, Vargas (2023, p. 33) nos instiga “Os surdos têm como semelhança a perda auditiva; porém, não são iguais.” Essa afirmação está relacionada aos diferentes fatores sociais, de experiências pelos quais os surdos foram ou são influenciados, transparecendo em seus traços identitários. Segundo Vargas (2023), a pessoa surda tem contato com o mundo através de experiências visuais, incluindo a sinalização. Porém, os fatores sociais influenciam na formação identitária de cada um:

O surdo não pode ser identificado apenas como aquele que não escuta, pois há várias outras questões que influenciam sua formação, como, por exemplo, o local e a época de nascimento, o ambiente familiar, o contato com outros surdos e com a língua de sinais estão diretamente ligadas à sua formação identitária (Vargas, 2023, p. 31).

Assim, há diferentes aspectos que influenciam na construção identitária das pessoas surdas, entre eles o contexto familiar em que estão inseridos, se nasceram em famílias de surdos ou de ouvintes, se as famílias usam línguas de sinais ou não. Os ambientes sociais frequentados pelos surdos, suas experiências linguísticas, influenciarão em suas escolhas e refletirão em sua atuação profissional.

Levando em consideração essas discussões de identidade, é preciso ressaltar a “diferença” e a “alteridade” trazendo ao contexto da surdez. Em uma análise etimológica, “alteridade” é derivada do latim *alteritas* que traduzida, significa “ser o outro”, esse conceito foi se modificando em outras análises pela sociedade e a Filosofia, em que pode ser compreendida como se reconhecer através de outros ou identidades diferentes. O conceito moderno de “alteridade” é, portanto, conceituado com base na interação com o outro. Em relação a diferença, é trazido o fator social, em que por meio interações sociais, as identidades são moldadas (Woodward, 2014). Com essas questões, é possível traçar uma reflexão a respeito do paradigma entre o ouvinte e o surdo, em que pode ser colocada como “[...] o ouvinte existe porque se tem o surdo; o surdo existe porque há o ouvinte; um exclui o outro, pois se você é

ouvinte, não pode ser surdo, e vice-versa.” (Vargas, 2023, p. 28). Assim, ao refletirmos sobre diferença e a alteridade, é viável pensar que a identificação como surdo, se dá por não ser ouvinte, e do ouvinte, por não ser surdo. Esta relação estreita acontece da mesma forma, quando falamos da diferença e identidade, sendo que uma depende da outra, ou seja, a identidade existe a partir da diferença. Essa diferença inclui, não somente, experiências ou a forma como se vê, mas também a língua, no caso dos surdos a Libras, e no caso do ouvinte, a língua portuguesa. Portanto, a margem que os une, é a existência do outro, fazendo com o que a alteridade se faça presente na vida ambos.

Ao fomentar sobre cultura, identidade, contextualizando a surdez, não se pode negar a existência dessa relação. O que se pode perceber é que, em qualquer pesquisa que for situar as discussões de características identitárias surdas, prevalece a cultura e o indivíduo por meio da Libras. Traçadas essas perspectivas teóricas, o capítulo seguinte vem a elucidar a metodologia em que usamos para coletar dados referentes aos surdos, abrindo questões de cultura, identidade. Para Assim, posteriormente dialogue com a fundamentação teórica proposta.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo tem como objetivo abordar o percurso que foi trilhado durante a pesquisa, os caminhos que foram percorridos, permeando as etapas desenvolvidas, para que o objetivo da pesquisa fosse alcançado.

Este estudo é considerado de natureza aplicada porque parte de situações reais vividas por professores surdos no ensino superior, com foco na Universidade Federal do Acre. O estudo não se limita a discutir conceitos teóricos, mas busca aplicar esse conhecimento para refletir sobre práticas educacionais e propor melhorias que possam ser úteis no contexto acadêmico. Como afirma Gil (2010, p. 42), “a pesquisa aplicada envolve a verdade prática, isto é, preocupa-se com a aplicação, utilização e consequência do conhecimento”. Por isso, ao investigar as identidades desses docentes e os desafios enfrentados por eles, esta pesquisa pretende contribuir de forma concreta com a promoção de uma educação mais acessível e inclusiva. Buscando entre nossos objetivos, averiguar as experiências profissionais dos professores surdos na área da Libras; analisar como os traços identitários dos sujeitos surdos impactam na relação docente/discente e, por fim, descrever como ocorre o uso da Libras em sala de aula. Com esses objetivos, nos firmamos na abordagem qualitativa, pois, “Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores [...]” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 34). Assim, ao propormos investigar as construções identitárias dos professores surdos que atuam no curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre – Ufac, não tivemos como foco realizar quantificações, mas apresentar especificidades e características identitárias dos professores surdos que atuam no curso. Dessa maneira, “Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não foi com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.” (Goldenberg, 2014, p. 14).

Assim, após observação de questões identitárias desse grupo social específico, foi realizada a sua descrição, o que caracteriza o trabalho como descritivo:

[...] as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. [...] e vão além da identificação de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação (Gil, 2008, p. 28).

A pesquisa relacionada a questões identitárias dos professores surdos, ao ser desenvolvida e divulgada, pode contribuir para um ambiente universitário mais inclusivo, reduzindo estereótipos e preconceitos em relação a esses profissionais, podendo também trazer direcionamentos para planejamentos futuros.

Sendo assim, foi feito um estudo de caso buscando “investigar ocorrências educacionais no contexto natural em que ocorrem” (André, 2013, p. 97), mediante a realização de entrevistas semiestruturadas com três professores surdos da instituição. Este tipo de entrevista:

[...] tem o objetivo de trazer um roteiro com as perguntas principais para nortear o assunto a ser desenvolvido, porém, deixando o entrevistado se aprofundar livremente no assunto e não respondendo de maneira superficial, trazendo fluidez na entrevista (Manzini, 1990, 1991, p. 154).

Optamos por entrevistar três dos docentes surdos que atuam no Letras Libras em virtude do reduzido tempo que tínhamos para a realização desta pesquisa. Também, para preservar a identificação dos docentes, criamos nomes fictícios, garantindo a privacidade de cada um.

3.1 DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas de forma presencial, no mês de janeiro de 2025. A primeira entrevista foi realizada na residência do professor e as outras duas, na UFAC, em dias e horários agendados com cada surdo, sendo as respostas gravadas em Libras e realizada a tradução posterior para o português escrito. A presença de tradutor-intérprete de Libras ocorreu apenas na primeira entrevista, com o professor 1 (Bruno), pois nessa entrevista o intérprete se prontificou a ajudar durante a conversa com o entrevistado. Posteriormente, nas outras duas entrevistas (com os professores 2 e 3, Fernando e Carlos), a interação ocorreu de forma direta entre as discentes pesquisadoras e os professores surdos. Cada pergunta foi sinalizada e contextualizada para que os participantes não tivessem dúvidas sobre o que se queria saber.

As entrevistas começaram na segunda-feira, dia 13 de janeiro de 2025, sendo o primeiro entrevistado o professor Bruno, às 15h, em sua própria casa. Bruno estava

acompanhado de um tradutor-Intérprete de Libras, que se disponibilizou para dar apoio de acessibilidade durante a entrevista. Iniciando da seguinte forma: Letícia lia as perguntas anotadas, enquanto Cyntia gravava com celular e o intérprete de Libras, interpretava as perguntas.

Dando continuidade, a segunda entrevista foi em uma terça-feira, dia 14 de janeiro de 2025, às 10h30min, com o professor Fernando. Nesse momento não contamos com a presença de tradutor-intérprete de Libras, sendo a sinalização e a leitura do roteiro realizada pelas pesquisadoras, discentes Cyntia e Letícia. Diferente da primeira entrevista, Letícia lia as perguntas e Cyntia as contextualizava, enquanto o celular estava apoiado na mesa gravando.

Nossa última entrevista, foi marcada em uma segunda-feira, dia 20 de janeiro de 2025, às 12h, com o Carlos. Novamente, como na segunda entrevista, sem o profissional tradutor-intérprete de Libras. No decorrer da entrevista Letícia leu as perguntas e Cyntia fez a interpretação, sendo realizada a gravação das respostas.

Nos nossos encontros, foram levantadas questões relacionadas à formação dos professores, como são realizados seus planejamentos e organizados os materiais que serão utilizados durante as aulas, como é a interação com os alunos em sala de aula, dentre outras.

Após realizados os encontros com os docentes, a tradução dos vídeos para o português escrito foi feita pelas próprias estudantes, responsáveis pela pesquisa. Como já citado, foram escolhidos nomes fictícios para os participantes, para que se sentissem mais à vontade durante a conversa. O professor 1 foi chamado de Bruno; o professor 2 de Fernando e o terceiro docente, Carlos.

O professor Bruno, tem 40 anos e nasceu em Rio Branco – AC. É o único surdo da família, que tem pouco conhecimento de Libras. Iniciou sua atuação profissional como docente da Ufac em 2017, trabalhando com disciplinas voltadas à linguística, com foco a Libras.

O segundo entrevistado, Fernando, tem 38 anos e também é natural de Rio Branco – AC. Apenas ele é surdo na família, interagindo em Libras apenas com a mãe. Começou a trabalhar na Ufac em 2022, lecionando disciplinas de linguística.

Nosso terceiro entrevistado, Carlos, atualmente tem 42 anos, não nasceu no Acre. Ele é o único surdo da família, mas há comunicação por meio da língua de sinais. Atua como professor na Ufac, desde 2022, também em disciplinas de linguística.

As questões propostas foram:

- 1) Como foi o seu primeiro contato com a comunidade surda e com a Libras?
- 2) Qual a sua formação?
- 3) Quais foram as motivações para a escolha dessa formação acadêmica?
- 4) Como você lida com turmas mistas, ou seja, aquelas nas quais há alunos surdos e ouvintes?
- 5) Como é sua interação/relação com os alunos durante as suas aulas?

Como mencionado no início do capítulo, o percurso metodológico adotado nesta pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza básica, utilizou o estudo de caso como estratégia para investigar os traços identitários dos professores surdos no curso de Letras Libras da UFAC. Através de entrevistas semiestruturadas com três docentes surdos, buscou-se aprofundar a compreensão de suas experiências e traços identitários.

Assim, a partir das entrevistas foram estabelecidas quatro categorias pensadas devido a recorrências nas falas dos participantes. São elas:

- 1) Contato com a Libras;
- 2) Formação;
- 3) Motivação para ser professor;
- 4) Interação em sala de aula.

A análise dos dados será trazida no próximo capítulo, no qual as recorrências nas falas dos participantes, a partir das categorias estabelecidas, serão apresentadas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A partir das quatro categorias estabelecidas para a organização das falas dos participantes, será realizada a análise dos dados buscando nuances das identidades dos professores surdos do curso de Letras Libras da Ufac.

Em relação à primeira categoria, “Contato com a Libras” notamos que os três professores tiveram contato com a língua de sinais durante a infância. O entrevistado Bruno explicou que “Meu primeiro contato com a comunidade surda foi quando eu era criança, ao entrar em uma escola de Ensino Fundamental I.”

O segundo entrevistado, Fernando, disse que “Na verdade, não lembro exatamente da minha idade nessa época, mas o que recordo é que fui para uma escola bilíngue de surdos chamada CEADA (Centro de Apoio ao Deficiente Auditivo).” Carlos enfatizou que “Meu primeiro contato com a comunidade surda aconteceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, quando eu tinha cerca de oito anos. Esse contato se deu tanto na escola quanto na Associação de surdos² da cidade.”

Observamos que, nas falas dos três participantes, o contato com a língua de sinais ocorreu na infância, o que pode ser visto como um ponto positivo em suas constituições identitárias como pessoas surdas, usuárias de língua visuais, contribuindo para que não se vejam como pessoas inferiores e que precisem buscar a “cura” para ser como os ouvintes. Destaca-se o fato desse contato, entretanto, ter ocorrido no ambiente escolar, o que nos faz inferir que essas pessoas vêm de famílias ouvintes, não usuárias de línguas de sinais e que, provavelmente, no ambiente familiar, precisavam se esforçar para estabelecer alguma forma de comunicação por estarem inseridos em um ambiente com maioria ouvinte.

De acordo com Hall (2000, p. 15), “As identidades são [...] categorias sociais e históricas, produzidas em contextos específicos e em relações de poder particulares. Elas não são fixas, mas estão sempre em processo de transformação”. Assim, mudanças identitárias ocorreram a partir da entrada desses sujeitos na escola, pois

² A Associação dos Surdos de Juiz de Fora (ASJF) foi fundada em 30 de maio de 1992 com o objetivo de unir os cidadãos surdos para a luta pela garantia de seus direitos, acessibilidade e inclusão social. A associação também visa promover o reconhecimento e a valorização da Libras, combater o preconceito e garantir mais acesso à educação, saúde e ao mercado de trabalho. Embora não tenha uma sede oficializada, a ASJF continua a atuar em um imóvel alugado, oferecendo cursos, palestras e serviços de apoio à comunidade surda. A associação enfrenta desafios financeiros e falta de apoio político, mas mantém parcerias para fortalecer a comunidade surda em Juiz de Fora (Associação dos Surdos de Juiz de Fora, 2025).

vinham de um ambiente no qual, provavelmente, a língua de sinais não era utilizada. Estar em contato com sua língua natural desde os primeiros anos de vida é algo que pode refletir em seu fazer docente atual. Entretanto, sabe-se que os professores estiveram em muitos espaços sociais ao longo de suas vidas e que, cada um deles, e as relações ali estabelecidas, influenciaram em suas experiências e constituições identitárias.

A segunda categoria estabelecida está relacionada à formação dos professores, na qual podemos observar escolhas semelhantes, direcionadas para as áreas de letras e educação. Bruno diz que:

Minhas formações acadêmicas incluem graduação em Letras - Português e Letras - Inglês. Além disso, possuo uma especialização em Libras. Meu mestrado foi voltado para Educação e meu doutorado é na área de Linguística.

Fernando explica que:

Eu sou formado em Letras - Português e Letras – Inglês [...] decidi tentar uma vaga no mestrado. Aproveitei a oportunidade, fiz a inscrição e fui aprovado para o mestrado na área de Letras. [...] Além disso, me inscrevi no doutorado do programa EducaNorte, na área de Educação e passei, ainda estou estudando e continuo trabalhando na UFAC, com muito empenho.

Carlos diz que:

[...] realizei três graduações em universidades particulares: a primeira em Pedagogia, a segunda em Letras Libras/Português e a terceira exclusivamente em Letras Libras. [...] Meu mestrado foi concluído na Universidade Federal do Acre (UFAC), no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI), onde também iniciei meu doutorado em Letras em 2023, com previsão de conclusão entre 2027 e 2028.

É perceptível nas falas o direcionamento dos estudos para a área de línguas e educação. Percebe-se que os professores estão em processo de formação e que, apesar de muitas barreiras linguísticas com as quais se depararam ao longo de sua trajetória, os três estão em formação em nível de doutorado, o que tem contribuído para suas constituições identitárias e seu fazer em sala de aula, além de se tornarem referências para os surdos. Perlin (2007, p. 120) ressalta que “A formação de professores surdos precisa ser um processo contínuo, que não apenas ensine técnicas pedagógicas, mas também reforce a identidade surda, promovendo a

reflexão crítica e o interesse contínuo pela prática educacional". Outro ponto a se destacar refere-se ao fato de que não basta ser surdo para ensinar as línguas de sinais, mas é preciso formação, pesquisa, reflexões sobre o fazer docente. Ser surdo não é sinônimo de ser professor de língua de sinais.

Na terceira categoria, foram questionados sobre as motivações para as escolhas que os levaram a ser professores. Percebemos que aproveitaram oportunidades que surgiram em suas trajetórias, a partir da inserção em determinados grupos sociais, tendo também como motivação ser exemplo para os outros surdos, mostrando que é possível e que são capazes de terem suas carreiras. Bruno destaca que: "Mostrar que os surdos também são capazes de melhorar de vida, de conquistar espaços e de não aceitar menos do que podem alcançar. Isso sempre me motivou muito e continua sendo uma grande felicidade para mim [...]".

A constituição identitária do sujeito surdo é influenciada pelo contato com outros surdos. Dessa forma, é importante que desde criança eles tenham convívio com adultos surdos, com professores surdos, que serão referências e que, assim, como foi trazido na fala anterior, mostrem a eles a capacidade que têm e que, enfatizem que o fato de serem usuários da Libras, não os tornam inferiores aos ouvintes.

Fernando explica que:

Estava inserido em um grupo composto por professores surdos e ouvintes, o que proporcionou uma troca enriquecedora de experiências. Durante esse curso, que realizei enquanto ainda estava no ensino médio, percebi a existência de diferentes níveis de formação [...]. Essa percepção despertou meu interesse e, ao observar as exigências para atuar na área, notei a forte demanda por uma graduação de licenciatura, especialmente para áreas como Geografia, História e Português.

Carlos afirma que "Foi a experiência de aprendizado, a cultura diferente, o contato com os ouvintes. Fui aprendendo tanto de forma formal quanto informal, pesquisando, descobrindo e abrindo minha mente para novos conhecimentos."

Assim, a partir do contato com diferentes grupos sociais, as identidades desses professores vêm passando por mudanças pois, como afirma Hall (2000), elas não são fixas. O contato com pessoas ouvintes contribuiu também para as escolhas desses professores, uma vez que, essas pessoas, por serem usuários de português e, pelo que se percebe nas falas, sinalizantes, contribuíram para que os surdos tivessem acesso a informações importantes e que influenciaram em suas escolhas

profissionais. Assim, a acessibilidade nos mais diversos setores sociais é fundamental para que as informações cheguem aos surdos e, assim, possam fazer suas escolhas.

A quarta categoria, diz respeito à interação em sala de aula, de trabalhar com alunos surdos e ouvintes. Os três professores relatam que os alunos surdos são mais atentos, pois têm a Libras como língua natural, o que os aproxima dos professores surdos, pois, enquanto estão sinalizando, normalmente, prestam atenção. Em contrapartida, os alunos ouvintes, se distraem mais, assim como eles mesmo relatam:

Bruno desta que:

Nessas salas diversas noto que, ao começar a aula, muitos alunos prestam atenção, mas também há ouvintes que têm dificuldade em se concentrar ou acabam se distraindo durante a aula. Essa diferença de atenção é algo que observo bastante. Os alunos surdos, por conta da necessidade de acompanhar visualmente, geralmente demonstram maior atenção ao conteúdo apresentado.

Fernando explica que:

Para os alunos surdos, o processo de aprendizagem tende a ser mais focado, embora também exista aqueles que têm dificuldades de concentração. No caso dos alunos surdos, quando percebo que há dificuldade em relação ao português ou a algum conteúdo específico, procuro sempre interagir e ajudá-los, esclarecendo as dúvidas conforme necessário, faço o mesmo com os alunos ouvintes. No entanto, dar aula para alunos ouvintes é um desafio maior, devido à falta de atenção e ao comportamento disperso de alguns deles.

Carlos diz que:

Por exemplo, se alguém quer conversar, por que não sai da sala para isso? Às vezes, tenho vontade de chamar a atenção dos alunos sobre essa falta de disciplina, mas acabo não fazendo. Com alunos surdos, isso é diferente. Quando estou sinalizando, eles olham para mim, pois são naturalmente visuais, o que facilita o aprendizado.

Fica evidente, que as questões identitária refletem no dia a dia da sala de aula, pois os ouvintes, com suas identidades, muitas vezes, têm dificuldade, ao se depararem com identidades outras, no caso, a de seus professores surdos.

Em relação à quarta categoria, é importante ressaltar que há questões identitárias nesses trechos, pois os ouvintes estão acostumados com línguas orais auditivas, tendo, muitas vezes, dificuldades em ter atenção à sinalização durante muito tempo. Os relatos evidenciam os desafios em sala de aula, nas escolhas de

estratégias de ensino para atender às diferentes necessidades dos alunos surdos e ouvintes.

Dessa forma, um aluno, seja ele ouvinte ou surdo, que escolhe o curso de Licenciatura em Letras Libras, para ser um professor de língua de sinais, precisa buscar se aproximar da comunidade surda, intensificando o seu contato com pessoas sinalizantes, pois isso será fundamental em sua formação. Assim, o docente surdo é muito importante para a formação dos professores Libras, pois através deles os alunos se aproximarão mais das línguas de sinais e ampliarão a compreensão de questões identitárias dos surdos.

Assim, as constituições identitárias são modificadas, reconstruídas no ambiente universitário, no dia a dia das relações estabelecidas em sala de aula. O professor precisa repensar o seu fazer a depender de suas turmas e das experiências por ele vivenciadas em seu dia a dia como docente. É notório que suas experiências e trajetórias influenciaram, e continuam influenciando, em suas características identitárias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo, conseguimos observar alguns pontos relacionados aos traços identitários dos professores entrevistados, podendo contemplar tanto o nosso objetivo geral, quanto os específicos. Primeiramente, com o nosso objetivo geral, propusemos investigar as construções identitárias dos professores surdos que atuam no curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre (UFAC), buscando compreender como essas identidades se manifestam nas suas práticas pedagógicas e no processo de ensino-aprendizagem. A partir da análise das entrevistas realizadas com três docentes surdos efetivos (Bruno, Fernando e Carlos), o estudo procurou explorar não apenas suas trajetórias e vivências profissionais, mas também as condições contextuais do ensino superior em Libras. As conclusões da pesquisa evidenciam a importância da presença desses profissionais no ambiente acadêmico, mostrando de que forma suas identidades podem enriquecer a formação dos alunos e contribuir para a valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras), promovendo uma educação mais inclusiva e sensível às diversas realidades culturais e linguísticas. Com isso, a análise das entrevistas com três docentes surdos que atuam no referido curso, foi organizada em quatro categorias – Contato com a Libras, Formação, Motivação para ser professor e Interação em sala de aula. Pôde-se perceber, a partir do estudo, aspectos importantes sobre as identidades e como elas influenciam em suas atuações no ensino superior.

Em relação ao contato com a Libras, observou-se que os três professores tiveram essa experiência na infância, principalmente no ambiente escolar. Este contato com a língua de sinais e a comunidade surda é um fator relevante na formação de suas identidades, que possuem características de interação visuais, e em sua percepção de mundo, pois através do contato com a Libras e com a comunidade surda, foi possível se entender e se identificar como pessoa surda, não como alguém inferior, mas como pertencente a comunidades que têm formas específicas de interação com o mundo, principalmente pelo uso de sinais e recursos visuais. E, a partir da identificação com outros surdos, as identidades foram moldadas nos ambientes sociais que foram inseridos, no caso, em um primeiro momento, nas escolas, com o contato e a interação com outros indivíduos da comunidade surda.

Quanto à formação, foi evidente a dedicação dos professores às áreas de línguas e educação, com todos buscando aprimoramento contínuo, inclusive em nível

de doutorado. Essa busca por qualificação demonstra um compromisso com a prática docente e os torna referências importantes para a comunidade surda, pois não basta apenas ser surdo para ensinar Libras, mas é preciso formação acadêmica e pedagógica para ensinar. Uma questão que precisa ser trazida é que, devido à falta de acessibilidade a muitos contextos, essas áreas podem ser as que os surdos tiveram acesso e oportunidade de adentrar.

As motivações para se tornarem professores passam pelo desejo de serem exemplos para outros surdos, mostrando que é possível alcançar o ensino superior e construir uma carreira destacando, que além de questões pessoais, há uma preocupação social em incentivar outros surdos. Além disso, a interação com diferentes grupos sociais, seja no ambiente acadêmico ou profissional, tanto com surdos quanto com ouvintes, desempenhou um papel crucial em suas escolhas, contribuindo para que trilhassem suas carreiras e assim modificassem seus traços identitários, pois, como afirma Hall (2000), identidade não é algo fixo.

No que diz respeito à interação em sala de aula, os professores relataram que os alunos surdos tendem a ser mais atentos às aulas sinalizadas, enquanto os alunos ouvintes podem apresentar mais dificuldades de concentração, pois os alunos surdos, por serem mais visuais, se conectam com os docentes. Os relatos também evidenciaram os desafios de trabalhar com turmas mistas e as prováveis estratégias pedagógicas, como por exemplo, adaptações das aulas, visto que são utilizados nas aulas recursos visuais. É necessário um repensar de suas práticas em sala mistas, que tenham alunos surdos e ouvintes, para que haja equilíbrio entre a língua materna do professor e a língua portuguesa, buscando possibilitar acessibilidade a todos os alunos. A presença de professores surdos no curso de Letras Libras é fundamental para proporcionar aos alunos surdos ou ouvintes, contato e interação com a língua de sinais e a cultura surda, enriquecendo sua formação, podendo assim, ampliar a compreensão sobre as questões identitárias e valorizar a docência dos surdos.

Retomando os nossos objetivos, sendo eles os específicos, o primeiro entre eles, foi averiguar as experiências profissionais dos professores surdos. Através das entrevistas, foi possível traçar um panorama das trajetórias desses professores, evidenciando que o primeiro contato com a comunidade surda e com a Libras aconteceu, em sua maioria, na infância, especialmente dentro do ambiente escolar. Para esses professores, o acesso à Libras, muitas vezes em contextos informais, foi fundamental para o fortalecimento de sua identidade linguística e cultural. Suas

formações acadêmicas subsequentes, com ênfase nas áreas de Letras e Educação, complementaram esse processo, preparando-os para atuar em diferentes contextos, como em Centros de Apoio ao Surdo (CAS), secretarias de educação, e outras instituições, antes de ingressarem na UFAC. A criação dos cursos de Letras Libras, conforme ressaltado na introdução, foi um marco significativo que possibilitou a inserção desses profissionais no ensino superior, consolidando o reconhecimento de suas habilidades e competências e abrindo portas para o ensino e pesquisa nessa área.

O nosso segundo objetivo foi analisar como os traços identitários dos sujeitos surdos impactam na relação docente/discente, descrever como ocorre o uso da Libras em sala de aula, visto que, é um fator crucial para as culturas e identidades surdas. Nesse aspecto, as narrativas dos docentes revelaram que a identidade visual dos professores surdos, marcada pela utilização da Libras como língua materna, desempenha um papel fundamental na dinâmica da sala de aula. A análise revelou que a interação nas aulas sinalizadas tende a ser mais intensa, com os alunos surdos demonstrando maior atenção e engajamento. Esse comportamento pode ser entendido como um reflexo da identificação linguística e cultural que compartilham com os docentes. Por outro lado, a pesquisa também evidenciou que os alunos ouvintes enfrentam desafios, principalmente devido à sua proficiência limitada em Libras, o que compromete sua capacidade de acompanhar o conteúdo com a mesma fluidez dos alunos surdos. Nesse sentido, a atuação dos professores surdos vai além do simples ato de ensinar; eles se tornam, também, modelos e referências culturais essenciais para os alunos surdos, desempenhando um papel de fortalecimento da valorização identitária surda. A postura dos docentes, que une exigência e apoio, reflete um compromisso com a aprendizagem de todos os alunos, mas também com a promoção da Libras como língua legítima, ampliando o entendimento de que a diversidade linguística e cultural deve ser valorizada em todos os espaços educativos.

Em relação ao último objetivo específico traçado, descrever como ocorre o uso da Libras em sala de aula, visto que, é um fator crucial para cultura e identidade surda, os resultados indicam que as aulas são, predominantemente, conduzidas em Libras, por ser essa a língua natural de expressão dos docentes. Essa escolha não apenas atende à necessidade de comunicação com os alunos surdos, mas também favorece o aprendizado de Libras pelos alunos ouvintes, estabelecendo uma imersão linguística que facilita a compreensão e o uso da língua de sinais. A prática

pedagógica dos professores surdos, nesse sentido, é enriquecida pelo uso de recursos visuais e por uma abordagem imagética, que visa tornar o conteúdo mais acessível e facilitar a assimilação das informações por meio de múltiplos canais sensoriais. No entanto, em turmas mistas, a pesquisa identificou desafios relacionados à proficiência variada em Libras entre os alunos ouvintes e à ausência de intérpretes em certos momentos do curso. Isso gera, por vezes, barreiras na comunicação, afetando o desempenho de alguns alunos e dificultando a plena integração na aula. Para superar essas limitações, os professores destacaram a necessidade de adaptar suas estratégias pedagógicas, utilizando diferentes recursos, como o alfabeto manual, para promover uma comunicação eficaz entre as duas línguas, o que também reflete a flexibilidade e a criatividade dos docentes na busca por soluções inclusivas. Esse processo de adaptação não só facilita o aprendizado dos alunos ouvintes, mas também enfatiza a importância da imersão em Libras para a formação dos futuros profissionais da área.

Por muitos anos, as pessoas surdas não tiveram acesso ao ambiente acadêmico, ou o tiveram de forma restrita. Dessa forma, a chegada dos docentes surdos demonstra avanços em relação à educação dessas pessoas e ao uso da língua de sinais, o que contribuiu para que tivessem acesso a informações e a possibilidade de fazerem parte do corpo docente de uma instituição de ensino superior.

Assim, o estudo é relevante por apresentar as especificidades desses profissionais, abrindo caminho para novas pesquisas na academia, a fim de valorizar os docentes surdos, suas trajetórias e experiências traçadas, e suas motivações. Por fim, os traços identitários identificados foram que os professores tiveram um contato desde a infância com a língua de sinais e a comunidade surda, o que podemos compreender que, é uma motivação inicial para moldar as características como pessoa surda. Também, buscaram se aprimorar na área de ensino, evidenciando os traços de pessoas que queriam crescer constantemente em seu trabalho, se esforçando para serem reconhecidas e respeitadas, chegando ao doutorado e não tendo o pensamento de que basta ser surdo para ensinar Libras. Outro traço marcado por eles foi a vontade de serem modelos para outros surdos, os incentivando, trazendo a empatia com o outro, não somente porque quisessem evoluir, mas para serem incentivo para os outros surdos conseguirem construir suas carreiras.

Por último, o traço identificado em sua prática pedagógica foi de buscarem interação com os alunos, tanto com alunos surdos como ouvintes, dentro da sala de

aula ou fora dela. Dessa forma, é esperado que esta pesquisa venha contribuir para o reconhecimento desses profissionais com novos estudos, novas perguntas e reflexões em cada Universidade, a fim de vir a compreensão da docência surda no Ensino Superior, entendida como palco de sua trajetória e experiência vivida por cada docente surdo. Além de mostrar que as identidades estão em constante mudança de acordo com esses aspectos.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. O que é um Estudo de Caso Qualitativo em Educação? Revista da FAEBA. **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.
- ASSOCIAÇÃO DOS SURDOS DE JUIZ DE FORA. **História**. Disponível em: <https://www.asjf.com.br/historia.php>. Acesso em: 6 mar. 2025.
- BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua de sinais - Libras e o Art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em 30 set. 2024.
- BRASIL. **Lei n. 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, 4 ago. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm. Acesso em: 6 mar. 2025.
- BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 30 set. de 2024.
- COELHO, L. P.; MESQUITA, D. P. C. Língua, cultura e identidade. **Entreletras**, Araguaína/ TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GERHARDT, T. E., SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2009.
- GESSER, A. **LIBRAS?** Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8º edição. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HALL, S. H, D.; LOWE, D.; WILLIS, P. (orgs.). **Culture, Media, Language**. London/New York: Routledge/CCCS, 1980.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-22.

HALL, S. (org.). The work of representation. In: HALL, Stuart (org.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage/The Open University, 1997a.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Conheça o INES**. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/aceso-a-informacao-1/institucional/conheca-o-ines>. Acesso em: 20 set. 2024.

LACERDA, E. **A prática do tradutor-intérprete de Libras no contexto educacional**. São Paulo: Editora XYZ, 2009.

LARAIA, R. Da M. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

NASCIMENTO, F. P. do. **Metodologia da Pesquisa Científica: teoria e prática – como elaborar TCC**. Brasília, 2016.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. L. **Libras: Língua de sinais brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

QUADROS, R. M. de; (Org). **Letras Libras: ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

RODRIGUES, M. **O papel do instrutor de Libras no processo de ensino-aprendizagem**. São Paulo: Editora XYZ, 2012.

PERLIN, M. **Formação de professores surdos e práticas educativas**. São Paulo: Editora XYZ, 2007.

PERLIN, Gladis Terezinha Tomé. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SILVA, M. da P. M. **Identidade e surdez: o trabalho de uma professora surda com alunos ouvintes**. São Paulo: Ed. Plexus, 2009.

SKLIAR, C. **O lugar da linguagem: A educação de surdos e a questão do oralismo**.

Porto Alegre: Artmed, 2004.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Letras - Libras na modalidade à distância. Florianópolis, 2009.

TAVARES, Manuel.; GOMES, S. R. Multiculturalismo, interculturalismo e decolonialidade: prolegômenos a uma pedagogia decolonial. **Dialogia**, São Paulo, n. 29, p. 47-68, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.n29.8646>. Acesso em: 23 Mar. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE. **Projeto pedagógico curricular**. Disponível em: <http://www2.ufac.br/cela/libras/projetos-pedagogicos/projeto-pedagogico-curricular-versao-2013.pdf>. Acesso em: 13 set. 2024.

VARGAS, V. G. L. **Formação dos professores surdos no curso de letras-libras da universidade federal do acre**: características identitárias (re)construídas nas práticas dos docentes de língua de sinais. 2023. 209 f. Tese (Doutorado em Letras: Linguagem e Identidade). Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2023.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e colonialidade do poder: Um debate a partir da América Latina. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1187-1206, set./dez. 2009.

ANEXO -
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
PESQUISA – TRAÇOS IDENTITÁRIOS DOS PROFESSORES SURDOS NO
CURSO DE LETRAS LIBRAS DA UFAC**

1. Convite para participar da pesquisa

Convidamos você para participar da pesquisa TRAÇOS IDENTITÁRIOS DOS PROFESSORES SURDOS NO CURSO DE LETRAS LIBRAS DA UFAC que tem como pesquisadores responsáveis **CYNTIA CAROLINE DOS SANTOS COSTA** e **LETÍCIA GABRIELE XAVIER SANTANA**, o qual pode ser contatado por meio dos telefones (68) 9234-4446/ (68) 99999-1717.

Solicitamos que você leia com atenção este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e peça todos os esclarecimentos para sanar suas dúvidas sobre a pesquisa e sobre a sua participação. Se você se sentir esclarecido e aceitar o convite para participar da pesquisa, solicitamos que assine a última página e rubrique as demais páginas das duas vias deste Termo.

2. Informações sobre a Pesquisa

- 2.1 A pesquisa tem por objetivo **investigar os traços identitários dos professores surdos que atuam no curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre – Ufac** e se justifica pela necessidade de estudos na área Identitária de professores surdos e contribuições para futuras pesquisas na área.
- 2.2 Os procedimentos metodológicos de geração de dados baseiam-se em entrevistas semiestruturadas, sinalizadas em Libras e realizadas de forma presencial. Os dados serão organizados, investigados e traduzidos para o português a fim de contribuir para a pesquisa.
- 2.3 A sua participação é voluntária e consiste em, através de entrevistas, dissertar sobre questões relacionadas ao curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Acre, no que se refere à formação universitária/profissional/identitária (professores surdos) e atuação no referido curso, desde o seu primeiro contato com a comunidade surda, até sua área de atuação atual, no curso de Letras Libras – UFAC.
- 2.4 A população alvo é constituída por docentes surdos efetivos que ensinam no curso Letras Libras – UFAC
- 2.5 Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa e os seus resultados poderão ser publicados em revistas e/ou eventos científicos.

3. Esclarecimentos sobre riscos, benefícios, providências e cautelas e formas de acompanhamento e assistência

- 3.1 Esclarecemos que a sua participação na pesquisa poderá lhe causar desconfortos e riscos tais como discordância sobre o seu posicionamento no que se refere ao curso e à instituição de ensino na qual ele foi cursado;
- 3.2 Para minimizar ou excluir os riscos da pesquisa, serão tomadas as providências e cautelas de não

divulgar os nomes dos participantes, utilizando durante todo o texto nomes fictícios.

- 3.3 Esclarecemos que durante a realização da pesquisa você será acompanhado e assistido pelas pesquisadoras e por sua orientadora da Graduação de Letras Libras – UFAC, prof. Dra. Vivian Gonçalves Louro Vargas.

4. Garantias para os participantes da pesquisa

- 4.1 Você é livre para participar ou não da pesquisa. Se concordar em participar, você poderá retirar seu consentimento a qualquer tempo, sem sofrer nenhuma penalidade por causa da sua recusa ou desistência de participação.
- 4.2 Será mantido o sigilo absoluto sobre a sua identidade e a sua privacidade será preservada durante e após o término da pesquisa.
- 4.3 Você não receberá pagamento e nem terá de pagar pela sua participação na pesquisa. Se houver alguma despesa decorrente de sua participação, você será ressarcido pelo pesquisador responsável.
- 4.4 Caso a pesquisa lhe cause algum dano, explicitado ou não nos seus riscos ou ocorridos em razão de sua participação, você será indenizado nos termos da legislação brasileira.
- 4.5 Após assinado por você e pelo pesquisador responsável, você receberá uma via deste TCLE.
- 4.6 A qualquer tempo, você poderá solicitar outras informações sobre esta pesquisa e os seus procedimentos, para o seu pleno esclarecimento antes, durante e após o término da sua participação. Essas informações e esclarecimentos poderão ser solicitados às pesquisadoras responsáveis CYNTHIA CAROLINE DOS Santos COSTA E LETÍCIA GABRIELE XAVIER SANTANA, pelos telefones nº (68) 9234-4446 / (68) 99999-1717 e pelo e-mail leticia.acxavierr@gmail.com
- 4.7 Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Acre (CEP-UFAC) para solicitar todos e quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa, de segunda a sexta feira, no horário de expediente. O CEP-UFAC funciona na sede da Ufac, que fica localizado no Bloco da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, sala 26, telefone 3901-2711, e-mail cep@ufac.br, Rio Branco-Acre, CEP 69.915-900.
- 4.8** Você, poderá, ainda, entrar em contato com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP pelo telefone (61) 3315-5877 ou pelo e-mail conepe@saude.gov.br, para solicitar esclarecimentos e sanar dúvidas sobre a pesquisa ou mesmo para denunciar o não cumprimento dos deveres éticos e legais pelo pesquisador responsável na realização da pesquisa.

5. Declaração do Pesquisador Responsável

Eu, Letícia Gabriele Xavier Santana, RG 12983780 e CPF 042.268.582-80, declaro cumprir todas as exigências éticas contidas nos itens IV. 3 e IV.4 da Resolução CNS Nº 466/2012, durante e após a realização da pesquisa.

Eu, Cynthia Caroline dos Santos Costa, RG 1201368-4 e CPF 025.928.822-51, declaro cumprir todas as

exigências éticas contidas nos itens IV. 3 e IV.4 da Resolução CNS Nº 466/2012, durante e após a realização da pesquisa.

6. Consentimento do participante da pesquisa

Eu, _____, RG Nº _____, CPF Nº _____, declaro ter sido plenamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e seus procedimentos apresentados neste TCLE e consinto de forma livre com a minha participação.

Rio Branco-Acre, _____ de _____ 202__.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Letícia Gabrielle Xavier Santana

Assinatura do Pesquisador Responsável

Regina Lordini dos Santos Costa

Assinatura do Pesquisador Responsável

**APÊNDICE -
ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES SURDOS**

PROFESSOR 1: BRUNO**PERGUNTA 1: Como foi o seu primeiro contato com a comunidade surda?**

Meu primeiro contato com a comunidade surda foi quando eu era criança, ao entrar em uma escola de Ensino Fundamental 1. Quando cheguei lá, vi pessoas andando e se comunicando pela língua de sinais, o que me chamou muita atenção. No início, achei aquilo diferente, porque eu pensava que fosse uma escola comum, mas logo percebi que era uma escola voltada para pessoas surdas que sinalizavam. Fiquei observando as pessoas e achei tudo muito interessante.

Naquela escola, havia vários professores surdos que usavam a língua de sinais, mas também havia professores ouvintes. Essa convivência foi muito marcante para mim, e logo senti que o objetivo daquele lugar se alinhava com o que eu desejava para minha vida. Gostei muito da experiência.

Nas aulas, os professores também tentavam me ensinar a falar, já que, naquela época, ainda havia uma grande prática de oralização e terapia fonoaudiológica. Apesar de achar interessante, percebi que esse não era o caminho que eu queria seguir. Para mim, sinalizar fazia muito mais sentido e estava mais alinhado com o que eu gostava e acreditava. Foi então que escolhi me aprofundar nesse mundo totalmente sinalizante: as brincadeiras, as interações e o contato com outras pessoas que também sinalizavam. Eu me identificava muito com tudo isso, e foi assim que escolhi me comunicar pela língua de sinais.

PERGUNTA 2: Quais são suas formações profissionais e acadêmicas?

Minhas formações acadêmicas incluem graduação em Letras - Português e Letras - Inglês. Além disso, possuo uma especialização em Libras. Meu mestrado foi voltado para o ensino e meu doutorado é na área de Linguística.

Em relação à minha trajetória profissional, já trabalhei em diversos lugares. Fui professor no Centro de Apoio ao Surdo (CAS), na Secretaria Municipal de Educação (SEME) e na prefeitura, entre outras instituições onde lecionei. Atualmente, sou professor na Universidade Federal do Acre (UFAC), onde permaneço trabalhando.

PERGUNTA 3: Quais foram suas motivações para suas formações acadêmicas?

Minhas motivações para as formações acadêmicas estão profundamente ligadas aos meus sonhos e ao desejo de inspirar outras pessoas. Desde cedo, eu tinha o objetivo de entrar na faculdade, de me graduar e, principalmente, de alcançar o doutorado, que era um grande sonho meu. Também, o que me impulsionava era a vontade de evoluir pessoalmente e de adquirir conhecimento para, posteriormente, compartilhá-lo com outros surdos. Eu queria mostrar que eles também não precisavam se limitar, que poderiam ir além, crescer na vida e alcançar suas metas. Meu objetivo era ser um exemplo, alguém que eles pudessem olhar e perceber que é possível ir além do ensino médio, que é possível sonhar e realizar.

Queria aprender, crescer e, acima de tudo, ensinar. Mostrar que os surdos também são capazes de melhorar de vida, de conquistar espaços e de não aceitar menos do que podem alcançar. Isso sempre me motivou muito e continua sendo uma grande felicidade para mim: continuar aprendendo e compartilhando esse aprendizado com outros surdos. Por fim, escolhi esse caminho porque acredito na força do exemplo e na capacidade de transformação que o conhecimento traz.

PERGUNTA 4: Como você lida com turmas mistas, ou seja, com surdos e ouvintes?

Quando estou em uma sala de aula mista, com alunos surdos e ouvintes, percebo que há muitos desafios. Na maioria das vezes, a maioria dos meus alunos são ouvintes e, em algumas turmas, nem sempre há alunos surdos presentes. Nessas salas diversas noto que, ao começar a aula, muitos alunos prestam atenção, mas também há ouvintes que têm dificuldade em se concentrar ou acabam se distraindo durante a aula. Essa diferença de atenção é algo que observo bastante. Os alunos surdos, por conta da necessidade de acompanhar visualmente, geralmente demonstram uma maior atenção ao conteúdo apresentado. Entre os ouvintes, alguns conseguem acompanhar bem, enquanto outros se dispersam, o que pode dificultar o andamento da aula.

Nas aulas sinalizadas, onde não há o tradutor-intérprete presente, reconheço que os alunos ouvintes enfrentam dificuldades, pois a Libras é uma língua nova para alguns. Eles precisam dividir a atenção entre observar meus sinais, o quadro e outros

materiais visuais, o que pode ser desafiador. Apesar disso, vejo que os surdos conseguem acompanhar bem nesse formato, por serem mais visuais e estarem familiarizados com a língua de sinais. Então, de modo geral, dar aulas em salas mistas é mais difícil por conta dessas diferenças. No entanto, acredito que, com paciência e estratégias inclusivas, é possível promover o aprendizado para todos, mesmo com os desafios que surgem nesse contexto.

PERGUNTA 5: Como é sua interação/relação com os alunos durante as suas aulas?

Dentro da sala de aula, percebo que tenho uma boa interação com os alunos. Gosto muito de cada um deles, pois são pessoas boas e têm um grande potencial. No entanto, quero deixar claro que não sou um professor permissivo ou que deixa tudo passar. Pelo contrário, sou alguém que busca incentivá-los constantemente.

Durante as aulas, faço cobranças, seja em relação ao horário, às atividades ou aos conteúdos, porque acredito que isso é essencial para o aprendizado. Meu objetivo é motivá-los a se dedicarem e a aprenderem cada vez mais. Gosto de incentivá-los a se esforçarem e a praticarem o que ensinamos, pois essa é a minha postura dentro de sala de aula: incentivar e cobrar de forma construtiva. Por outro lado, fora da sala de aula, minha interação com eles é diferente. Gosto de conversar, de ter momentos mais leves, e sempre busco manter uma relação amigável. Porém, sei separar os ambientes, e cada momento tem sua dinâmica. Então, não, eu não sou um professor permissivo; sou exigente até certo ponto, mas tudo isso é para ajudá-los a crescer e a alcançar um aprendizado significativo.

PROFESSOR 2: FERNANDO

PERGUNTA 1: Como foi o seu primeiro contato com a comunidade surda?

Meu primeiro contato com a comunidade surda aconteceu quando eu tinha entre dois e três anos. Na verdade, não lembro exatamente da minha idade nessa época, mas o que recordo é que fui para uma escola bilíngue de surdos chamada CEADA (Centro de Apoio ao Deficiente Auditivo). Nessa escola, havia muitos surdos, várias crianças, e professores surdos.

Havia quatro professores que sabiam Libras e foram eles que me ensinaram vocabulários, imagens e diversos outros materiais, tudo em língua de sinais. Além disso, dentro dessa escola, praticamos a Comunicação Total, que era um método educacional que combinava diferentes formas de comunicação, como a língua de sinais, a oralização, a leitura labial e o uso de gestos. Também passávamos por um processo de fonoaudiologia voltado para a oralização. Contudo, o ensino de sinais em Libras era igualmente presente e importante, sendo ensinado de forma contínua durante o processo de aprendizagem.

“Eu sou formado em Letras - Português e Letras – Inglês [...] decidi tentar uma vaga no mestrado. Aproveitei a oportunidade, fiz a inscrição e fui aprovado para o mestrado na área de Letras.[...] Além disso, me inscrevi no doutorado do programa EducaNorte, na área de Ensino e passei, ainda estou estudando e continuo trabalhando na UFAC, com muito empenho.”

PERGUNTA 2: Quais são suas formações profissionais e acadêmicas?

Eu sou formado em Letras - Português e Letras - Inglês, e trabalhei como instrutor de Libras. Concluí o ensino médio e comecei a trabalhar como instrutor de Libras no Centro de Apoio ao Surdo (CAS), em 2008. Em 2009, entrei em uma faculdade e me formei, em 2013 e, logo após, fiz uma especialização na área de Libras pela Fundação Betel. Fiz o curso de Letras - Português a distância pela UNISEB COC e, após obter meu certificado, comecei a trabalhar. A partir de 2009, avancei da educação básica para o ensino superior.

Em 2017, consegui ser aprovado em um concurso provisório, não efetivo, e comecei a refletir sobre novas oportunidades. Ao me inscrever em editais de várias instituições, percebi uma vaga na Universidade Federal de Roraima (UFRR). Fui aprovado, me mudei para lá e continuei meu trabalho, agora na área de Linguística. Em Roraima, atuava no curso de Letras – Libras bacharelado.

Nesse período, decidi tentar uma vaga no mestrado. Aproveitei a oportunidade, fiz a inscrição e fui aprovado para o mestrado na área de Letras. Estudei por dois anos, de 2019 a 2021, finalizei o curso e obtive meu certificado. Ao mesmo tempo, vi um edital para trabalhar na Universidade Federal do Acre (UFAC) e decidi tentar essa oportunidade. Fiz o concurso, passei e me mudei para Rio Branco em 2022. Comecei a lecionar no curso de Letras Libras na UFAC, e já se passaram dois

anos e meio mais ou menos desde que iniciei. Além disso, me inscrevi no doutorado do programa EducaNorte, na área de Ensino e passei, ainda estou estudando e continuo trabalhando na UFAC, com muito empenho.

PERGUNTA 3: Quais foram suas motivações para suas formações acadêmicas?

Quando iniciei o curso de metodologia no CAS, desenvolvi um grande interesse pelo ensino de Libras. Estava inserido em um grupo composto por professores surdos e ouvintes, o que proporcionou uma troca enriquecedora de experiências. Durante esse curso, que realizei enquanto ainda estava no ensino médio, percebi a existência de diferentes níveis de formação como — básico, intermediário e avançado e intérprete. Essa percepção despertou meu interesse e, ao observar as exigências para atuar na área, notei a forte demanda por uma graduação de licenciatura, especialmente para áreas como Geografia, História e Português. Foi nesse contexto que decidi optar pelo curso de Letras Português, pois ele atendia à exigência de uma formação superior para lecionar.

Inicialmente, considerei a possibilidade de seguir Pedagogia, mas não me identifiquei plenamente com a área. Assim, decidi pela licenciatura em Letras - Português, pois percebi que tanto o CAS quanto a Secretaria de Educação exigiam uma formação superior para o exercício da docência. Após concluir minha formação em Letras - Português, também obtive a formação em Letras Inglês.

Com o tempo, percebi que tinha uma facilidade natural para o ensino e uma crescente motivação para seguir a carreira de professor, especialmente no campo do ensino de Libras. Percebi que esse caminho estava plenamente alinhado com meus interesses e objetivos profissionais, pois eu realmente gostava de lecionar. Esse foi o principal fator que me motivou a continuar investindo na minha formação acadêmica e a buscar sempre mais qualificações na área de licenciatura.

PERGUNTA 4: Como você lida com turmas mistas, ou seja, com surdos e ouvintes?

De fato, a maioria dos meus alunos é composta por ouvintes — cerca de 99%, enquanto apenas 1% é de surdos, com essa diferença, percebo que há uma variação na atenção e no foco durante as aulas. Por exemplo, a maioria dos alunos ouvintes

tende a se distrair, conversando em sala, fofocando ou se ausentando, o que atrapalha o andamento da aula. Os alunos surdos, apesar de serem mais focados em alguns casos, também apresentam momentos de distração. Em média, percebo que cerca de 40% dos ouvintes prestam atenção de fato nas aulas, mas isso nem sempre acontece com todos, assim como ocorre com os surdos.

Outro desafio que enfrento são os alunos que frequentemente saem da sala, seja para o intervalo, para o banheiro, ou por não retornarem após o intervalo. Essa falta de organização acaba prejudicando o fluxo da aula. No entanto, a responsabilidade do aprendizado é deles, e estou ali para ensinar e compartilhar o conteúdo. Quanto à tradução para Libras, também percebo que a atuação dos intérpretes é prejudicada quando há muitos alunos conversando em voz alta. Em alguns momentos, é necessário pedir que falem mais baixo, pois isso dificulta a tradução e atrapalha o entendimento do conteúdo, tanto para os surdos quanto para os ouvintes.

A minha aula é mais visual, e costumo utilizar slides com imagens para facilitar a compreensão. No entanto, um desafio recorrente é a distração de alguns alunos, principalmente aqueles que ficam no celular, o que compromete o processo de aprendizado. A Libras, como língua visual, exige atenção constante, e é fundamental que os alunos se envolvam para absorver o conteúdo. Para os alunos surdos, o processo de aprendizagem tende a ser mais focado, embora também exista aqueles que têm dificuldades de concentração. No caso dos alunos surdos, quando percebo que há dificuldade em relação ao português ou a algum conteúdo específico, procuro sempre interagir e ajudá-los, esclarecendo as dúvidas conforme necessário, faço o mesmo com os alunos ouvintes. No entanto, dar aula para alunos ouvintes é um desafio maior, devido à falta de atenção e ao comportamento disperso de alguns deles.

PERGUNTA 5: Como é sua interação/relação com os alunos durante as suas aulas?

Eu entendo que é meu papel como professor ensinar e, para isso, tento sempre manter uma interação com meus alunos. No entanto, sou uma pessoa que cobra bastante, principalmente no que diz respeito à pontualidade. Eu gosto que o horário seja cumprido e, durante os intervalos, aproveito para conversar de maneira

mais descontraída e interagir com eles.

Quando estou lecionando, porém, sou mais rigoroso. Não sou o tipo de professor permissivo, que deixa os alunos se desviarem do conteúdo. Exijo que eles aprendam corretamente o que estou ensinando, especialmente em relação aos sinais e outros conteúdos.

Fora da sala de aula, sou mais informal, gosto de conversar de maneira mais tranquila e descontraída. Mas dentro do ambiente acadêmico, sou mais sério e posturado, mantendo a ética e o foco no ensino. Em aulas no curso de Letras Libras, por exemplo, me comporto de maneira mais formal e séria, para garantir que os alunos compreendam e aprendam adequadamente o conteúdo.

PROFESSOR 3: CARLOS

PERGUNTA 1: Como foi o seu primeiro contato com a comunidade surda?

Meu primeiro contato com a comunidade surda aconteceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, quando eu tinha cerca de oito anos. Esse contato se deu tanto na escola quanto na associação de surdos da cidade. Além disso, fiz um curso no qual tive contato com três surdos, aprendi a Língua de Sinais e esse grupo me ajudou a evoluir nesse aprendizado.

PERGUNTA 2: Quais são suas formações profissionais e acadêmicas?

Nas minhas experiências acadêmicas, realizei três graduações em universidades particulares: a primeira em Pedagogia, a segunda em Letras Libras/Português e a terceira exclusivamente em Letras Libras. Além disso, tenho duas pós-graduações, uma em Tradução e Interpretação de Libras e outra em Libras Bicultura (Libras e Cultura). Meu mestrado foi concluído na Universidade Federal do Acre (UFAC), no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI), onde também iniciei meu doutorado em Letras em 2023, com previsão de conclusão entre 2027 e 2028.

Quanto às minhas experiências profissionais, comecei a trabalhar aos 17 anos, aprendendo e ensinando o básico de Libras. Na época, as pessoas me chamavam para assistir às aulas, e fui adquirindo conhecimento gradualmente. Aos

18 anos, ingressei no Instituto junto à Associação de Surdos de Juiz de Fora, onde tive minha primeira experiência no ensino e na prática da língua. Com o tempo, evolui e passei a lecionar em escolas, especialmente no ensino médio, ensinando Libras em diferentes contextos.

Após concluir minha graduação em Pedagogia, fui aprovado para uma vaga provisória como professor na prefeitura, iniciando o ensino do bilinguismo com Libras. Durante esse período, atuei tanto na prefeitura quanto no estado, ministrando aulas de Libras nos níveis básico, intermediário e avançado. No setor governamental, lecionei no Centro de Apoio ao Surdo (CAS) de Belo Horizonte, onde os sinais apresentam variações em relação aos de Rio Branco, devido às diferenças na configuração das mãos e nos movimentos.

Mais tarde, em Rio Branco, no Acre, atuei no Centro de Estudos de Línguas (CEL) e lecionei para a prefeitura e estado. Em 2016, consegui uma vaga provisória na Universidade Federal do Acre (UFAC), onde trabalhei por dois anos, adquirindo uma experiência enriquecedora. Em seguida, mudei-me para Roraima, onde fui professor no estado de Boa Vista, lecionando Tradução e Interpretação no bacharelado de Letras Libras na universidade local.

Após cerca de um ano e alguns meses, participei de um concurso no qual fui aprovado em primeiro lugar. Diante dessa oportunidade, deixei o emprego em Boa Vista e retornei a Rio Branco, assumindo o cargo de professor efetivo na UFAC. Atualmente, sigo atuando na universidade e, na próxima semana, completarei três anos nessa função.

PERGUNTA 3: Quais foram suas motivações para suas formações acadêmicas?

Então, depois da pós-graduação, do mestrado e do doutorado, o que me motivou? Foi a experiência de aprendizado, a cultura diferente, o contato com os ouvintes. Fui aprendendo tanto de forma formal quanto informal, pesquisando, descobrindo e abrindo minha mente para novos conhecimentos.

Com o tempo, percebi que havia muitos ouvintes avançando na educação, enquanto, ao olhar para a comunidade surda, via um número muito menor. Diante disso, comecei a buscar formas de motivá-los, para reduzir essa desigualdade e incentivar a busca por um futuro melhor. Quero que os surdos estudem, façam mestrado, doutorado, cresçam na vida, tenham oportunidades de emprego melhores

e não se limitem apenas a uma formação básica.

Por exemplo, quando há uma seleção para uma vaga, algumas pessoas perguntam: “Por que ele passou e eu não?” E a resposta geralmente é: “Porque ele tem mestrado, doutorado, tem uma qualificação maior.” É necessário entender e respeitar isso. Por isso, estudar é tão importante. Com conhecimento, aprendemos coisas novas, compreendemos significados e evoluímos.

O estudo também é essencial para compreender áreas como política, linguística e as discussões da sociedade. A maioria dos surdos precisa ter acesso a melhores condições financeiras, alimentação de qualidade, oportunidades de viagem, auxílio em caso de doença, entre outros direitos. Mas, para isso, é preciso incentivá-los e motivá-los a buscar conhecimento.

Eu mesmo enfrentei muitas barreiras. Tentei o Enem quatro vezes e não consegui a nota que queria. Meu objetivo era cursar Medicina, mas não consegui. Quase passei, mas a nota foi insuficiente para Direito. Na terceira e quarta tentativas, nem lembro mais exatamente para qual curso tentei, pois já faz muito tempo. Mas eu nunca desisti.

Agora, penso em tentar novamente, talvez em 2025 ou 2026. Quero estudar à noite e fazer Direito, pois acredito que é um aprendizado importante para atuar na política e ajudar a comunidade surda. Quero ser um incentivo para outras pessoas, porque, para mim, estudar mudou minha vida. Letras-Libras já faz parte da minha trajetória. Comecei com 17 anos, e tenho muita experiência nessa área. No entanto, agora quero seguir um novo caminho.

No futuro, quero fazer outro curso. Algumas pessoas me perguntam por que eu quero estudar isso ou aquilo, mas a verdade é que eu simplesmente tenho vontade. Quero ser um modelo para mostrar que todos são capazes e podem escolher o que desejam. Seja Educação Física, Letras, ou qualquer outra área, cada um deve seguir o que o faz feliz, sem se sentir limitado a uma única opção. Na Universidade Federal do Acre (UFAC), por exemplo, há muitas possibilidades. Basta acreditar e seguir em frente.

PERGUNTA 4: Como você lida com turmas mistas, ou seja, com surdos e ouvintes?

Os ouvintes e os surdos são iguais ou diferentes? Depende. Cada pessoa tem

suas particularidades, sejam ouvintes ou surdos. Quando estou ensinando, percebo que alguns alunos prestam atenção, enquanto outros não. Alguns ficam no celular, o que acaba atrapalhando a aula, pois a comunicação visual é essencial. As notificações chamam a atenção dos alunos que se distraem, assim como conversas e risadas paralelas. Tudo isso interfere na concentração, pois preciso que olhem para mim enquanto ensino. Às vezes, fico me perguntando se sou um professor bom ou ruim. Será que estou errando em algo? Isso me faz sentir desconfortável. Por exemplo, se alguém quer conversar, por que não sai da sala para isso? Às vezes, tenho vontade de chamar a atenção dos alunos sobre essa falta de disciplina, mas acabo não fazendo. Com alunos surdos, isso é diferente. Quando estou sinalizando, eles olham para mim, pois são naturalmente visuais, o que facilita o aprendizado. Percebo uma dificuldade: quando um professor ouvinte ensina, o aluno surdo olha para o professor, depois para o intérprete, e fica nesse movimento constante. Além disso, poucos ouvintes têm fluência em Libras. Alguns conseguem sinalizar bem, enquanto outros não sabem nada.

Com o passar dos períodos, tento me comunicar em Libras, mas muitos alunos dizem: “Não sei Libras.” Então eu pergunto: “Você já está no sexto período e ainda não sabe sinalizar?” Isso se torna um problema, porque até o quarto período há intérpretes, mas do sexto ao oitavo não há. E aí? Como vou ministrar minha aula sinalizada? O aluno começa a se virar para o colega intérprete e perguntar: “O que ele está falando?” Mas, na verdade, ele deveria estar olhando para mim e observando minha sinalização.

Se o aluno não fez nenhum curso de Libras para se capacitar ao longo da graduação e não tem contato com surdos, como ele pretende se comunicar? Além disso, há alunos que faltam muito e sempre dependem do intérprete para interagir comigo. Isso me faz questionar se estou sendo um professor eficiente, porque percebo que falta atenção por parte dos alunos.

Nos primeiros períodos, quando ainda há tradutor-intérprete, ele fica traduzindo enquanto eu sinalizo e peço: “Olhem para mim! Observem minhas mãos!” O próprio intérprete reforça: “Olhem para o professor para aprenderem a sinalização.” Mas o que acontece? Muitos alunos continuam olhando apenas para o intérprete, e não para mim.

Se um aluno fica no celular enquanto eu sinalizo, apenas ouvindo a tradução, ele não está acompanhando a sinalização. Então, quando chega a prova sinalizada,

ele se desespera: “Meu Deus! Eu não entendi nada!” Mas por quê? Porque está acostumado a apenas escutar a tradução e não a observar os sinais. Isso é um grande problema, pois a aula é visual.

Os alunos precisam entender que devem olhar para o professor surdo enquanto escutam o tradutor-intérprete, fazendo a associação entre os sinais e a fala. Dessa forma, aprendem a Libras fazendo a associação ao português. O intérprete está ali para auxiliar na comunicação, mas é essencial que os alunos também observem a sinalização para entender e aprender os sinais.

Nem todos são assim. Alguns alunos são muito bons, enquanto outros têm mais dificuldade. Cada pessoa tem seu ritmo e suas características. Alguns aprendem rápido, outros demoram mais. Alguns são fluentes, outros estão no básico. Depende de cada um e de sua dedicação aos estudos. Além disso, percebo que a maioria dos surdos tem uma boa sinalização, mas enfrenta dificuldades com o português escrito. Por exemplo, às vezes peço para ler um texto em português, mas não compreendem. Por isso, busco adaptar minhas aulas: gravo vídeos para facilitar o aprendizado e deixo que escolham se preferem o conteúdo escrito ou a versão adaptada em Libras.

PERGUNTA 5: Como é sua interação/relação com os alunos durante as suas aulas?

Dentro da sala de aula, meu humor pode variar dependendo do dia. Às vezes, estou em um dia bom, outras vezes, não. Meu comportamento também pode depender do momento e da atitude dos alunos durante a aula. Quando estou ensinando e conversando, tento adaptar minha comunicação. Alguns alunos, eu consigo abordar de forma mais informal, mas, na sala de aula, sou mais formal. Fora dela, gosto de conversar de maneira mais descontraída, criando um contato mais próximo.

Percebo que alguns alunos são mais responsáveis e entregam as atividades no prazo, enquanto outros demoram muito para entregar ou entregam atrasado, o que me deixa um pouco estressado. Além disso, o uso constante do celular e as conversas paralelas acabam atrapalhando a atenção. Quando percebo que um aluno mantém esse comportamento em todas as aulas, sem se dedicar ao aprendizado, isso me incomoda, porque sei que ele poderia aproveitar melhor aquele momento.

Eu sou um professor que cobra, sim, porque acredito que as pessoas

precisam ter responsabilidade. Mas isso não significa que eu seja rígido o tempo todo. Sei separar os momentos de seriedade dos momentos de descontração e tento sempre manter um bom diálogo com os alunos, tanto dentro quanto fora da sala de aula. Muitos alunos já sabem que sou exigente, mas também tenho paciência. Quando envio atividades, às vezes estou com muitas coisas na cabeça. Alguns alunos me mandam mensagens com dúvidas, e, por estar ocupado, acabo demorando para responder. Quando isso acontece, peço desculpas, pois tenho muitas responsabilidades. Além do trabalho como professor, também faço parte de uma associação e sou representante, o que demanda muito tempo e atenção.

Às vezes, quando alguém fala comigo, estou tão focado em outra coisa que acabo perdendo algumas informações. Nesses momentos, os próprios alunos me ajudam a lembrar de algumas atividades que passei. Isso me auxilia bastante na organização e na continuidade das aulas.